

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO
PATROCÍNIO
Graduação em Psicologia

MOVIMENTOS DE GÊNERO NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM
AVANÇOS NO UNIVERSO PROFISSIONAL FEMININO

Monia Kelly Ribeiro Moura

PATROCÍNIO
2017

MONIA KELLY RIBEIRO MOURA

**MOVIMENTOS DE GÊNERO NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM
AVANÇOS NO UNIVERSO PROFISSIONAL FEMININO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Psicologia, pelo Centro Universitário do Cerrado Patrocínio.

Orientadora: Profa. Esp. Tereza Helena Cardoso.

**PATROCÍNIO
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA

Moura, Monia Kelly Ribeiro.

Movimentos de gênero no Brasil e sua relação com avanços no universo profissional feminino/Monia Kelly Ribeiro Moura. – Patrocínio: Centro Universitário do Cerrado, 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Universitário do Cerrado Patrocínio. Curso de Psicologia.

Orientadora: Profa. Esp. Tereza Helena Cardoso

1. Discriminação. 2. Gênero. 3. Movimento Feminista. 4. Profissões.

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*Movimentos de Gênero no Brasil e sua Relação com Avanços no Universo Profissional Feminino*”, de autoria da graduanda Monia Kelly Ribeiro Moura, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Profa. Esp. Tereza Helena Cardoso – Orientadora
Instituição: UNICERP



Profa. Ma. Natália Aparecida Pimenta
Instituição: UNICERP



Profa. Tacyana Silva Peres
Instituição: UNICERP

Data de Aprovação: 11/12 /2017.

Patrocínio, 11 de dezembro de 2017.

DEDICO este estudo a todas as mulheres que buscam igualdade. A todas as mulheres que os sonhos já são maiores que os medos, e a todas que os medos ainda são maiores que os sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que sempre foi minha estrutura e sempre me impulsionou a buscar meus sonhos mesmo em momentos difíceis, ainda os agradeço pela paciência e compreensão nessa etapa tão difícil e importante da minha vida em que um ciclo se fecha, contudo vejo milhares de possibilidades adiante.

Agradeço em especial, ao meu filho João Victor, que mesmo em minha “ausência”, sempre trouxe um extremo carinho, me desculpe por esta ausência.

Agradeço aos meus amigos que estiveram por perto ajudando a concretizar esse sonho, destaco os que venceram essa etapa comigo. Quando precisei de compreensão, empatia e uma conversa agradável eu sabia exatamente onde encontrar.

À coordenadora do Curso de Psicologia do UNICERP, e Profa. Dra. Vanessa Cristina Alvarenga, pela compreensão em alguns momentos difíceis que passei durante esse ano.

À minha orientadora Profa. Esp. Tereza Helena Cardoso, por ter aceitado o desafio desse estudo, pela disposição em sempre tirar as dúvidas que permearam o trajeto até a conclusão do presente trabalho.

Agradeço a mim pela resiliência adquirida nesse ano, que mesmo em momentos conflituosos nunca parei de almejar tampouco de caminhar. Devagar e sempre.

Acima de todas as coisas agradeço a Deus que me propicia viver momentos extraordinários ao longo da minha vida e ao longo da busca pelo conhecimento.

*Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja
nossa própria substância.*

Simone de Beauvoir

RESUMO

As grandes modificações sofridas pela sociedade fez com que as mulheres desencadeassem uma discussão e luta pela igualdade de direitos de gênero, o que colaborou para ampliar seu poder de voz, e autonomia em suas decisões. Nos dias atuais, percebe-se avanços “feministas”, as mulheres já ocupam lugares de destaque na sociedade e no mercado de trabalho, os quais elas mesmas definem por aptidão, desejo ou simplesmente realização pessoal, embora diariamente permaneçam lutando pela manutenção destes mesmos direitos. Neste contexto, esta pesquisa tem como questionamento: em que medida, os movimentos feministas que passaram a existir no Brasil, com mais vigor em busca da redemocratização, em meados dos anos 80, influenciam as mulheres na escolha atual de carreiras tradicionalmente masculinas? Acredita-se que ao longo dos anos, os movimentos feministas no Brasil, tiveram papel preponderante na sociedade atual, influenciando suas escolhas profissionais, trazendo-lhes empoderamento e desmistificando a ideia de que eficiência profissional se relaciona a uma questão de gênero. Determinar se os movimentos feministas influenciam as estudantes universitárias definirem o curso de sua preferência, mesmo quando estes compõem o universo eminentemente “masculino”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva; os dados da pesquisa foram coletados no Centro Universitário do Cerrado Patrocínio e contou com 11 (onze) participantes universitárias graduandas de cursos que possuem maior número de estudantes do sexo masculino, sendo os cursos: agronegócio, agronomia, cafeicultura e engenharia civil. O instrumento foi uma entrevista semiestruturada, e os resultados demonstrados a partir de categorias, tabelas e análise de conteúdo. Pode-se perceber que apesar dos grandes avanços adquiridos pelas mulheres atualmente, ainda existem dificuldades provindas de discriminação, seja por parte da família, colegas e até professores da faculdade; contudo essas mulheres se sentem capazes para desempenhar as atividades e funções a que os cursos remetem. Observou-se também que os movimentos feministas ocorridos no Brasil na década de 80 interferem nestas escolhas de forma indireta, sendo demonstrados no discurso e na forma das participantes se defenderem da prática da discriminação sofrida pelas mesmas, cotidianamente. Os resultados obtidos nesse trabalho são relevantes, uma vez que refletem uma realidade de discriminação acadêmica e demonstram a importância e consequências dos movimentos feministas nas escolhas profissionais de universitárias em cursos com predominância masculina.

Palavras-Chave: Discriminação. Gênero. Movimento Feminista. Profissões.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias e subcategorias que emergiram das respostas das entrevistadas 36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade	30
Gráfico 2 - Matrículas no ensino superior no Brasil em 2011.....	31
Gráfico 3 - Matrículas no ensino superior no Brasil em 2012.....	31
Gráfico 4 - Matrículas no ensino superior no Brasil em 2013.....	32
Gráfico 5 - Alunos matriculados no curso de agronegócio no UNICERP	33
Gráfico 6 - Alunos matriculados no curso de agronomia no UNICERP.....	33
Gráfico 7 - Alunos matriculados no curso de cafeicultura no UNICERP	34
Gráfico 8 - Alunos matriculados no curso de engenharia civil no UNICERP	34
Gráfico 9 - Percentual das participantes da pesquisa em relação ao curso.....	35

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Idade das participantes e curso de graduação.....	30
--	----

LISTA DE SIGLAS

COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
GRAF	Gráfico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios
TAB	Tabela
TCLE	Termo de Consentimento Livre após Esclarecimento
UNICERP	Centro Universitário do Cerrado Patrocínio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 Contextualização histórica do papel social da mulher no Brasil	16
2.2 Lutas do Movimento Feminista no Brasil	19
2.3 Diferenças entre universo profissional masculino e feminino	21
2.4 A mulher na vida profissional	22
3 OBJETIVOS	24
3.1 Objetivo Geral	24
3.2 Objetivos Específicos	24
4 METODOLOGIA	25
4.1 Tipo da Pesquisa	25
4.2 Cenário da Pesquisa	26
4.3 Participantes da Pesquisa	26
4.4 Técnica de Coleta de Dados	27
4.5 Procedimentos de Análise de Dados	27
4.6 Aspectos Éticos	28
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
5.1 Perfil Sociodemográfico	29
5.2 Análises de conteúdo das entrevistas	35
5.2.1 Influência de gênero na escolha do curso de graduação	36
5.2.2 Escolha do curso	38
5.3 Reconhecimentos dos movimentos de gênero no ambiente acadêmico	39
5.4 Discriminação no universo acadêmico	42
5.4.1 Percepção feminina de discriminação em cursos considerados “masculinos”	43
5.5 Dificuldades no universo profissional feminino	46
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICES	58
ANEXOS	62

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa objetiva conhecer a influência dos recentes Movimentos Feministas e seus desdobramentos na opção de mulheres por carreiras determinadas estereotipicamente como masculinas. Segundo o processo histórico e sociocultural pode-se perceber que as mulheres, via de regra, estiveram em um paradigma de submissão diante aos homens. Em outras épocas o poder patriarcal estava totalmente envolvido na sociedade, o domínio era estritamente dos homens e as mulheres, por sua vez, deviam ser submissas a esses homens. Entretanto, a sociedade passou por diversas modificações, o que desencadeou, entre as mulheres, o início de uma luta pela igualdade de direitos de gêneros, o que colaborou para que as mesmas conseguissem, desde então, ampliar seu poder de voz e autonomia em suas decisões (ARAÚJO, 2010).

Nos dias atuais percebe-se que as mulheres permanecem lutando por seus direitos, embora já ocupem diversos lugares na sociedade e no mercado de trabalho, os quais elas mesmas escolheram, por aptidões particulares ou simplesmente por gostar. Ou seja, com o passar dos anos e com os resultados das lutas feministas, as mulheres estão cada vez mais inseridas no mercado de trabalho, desempenhando papéis que outrora eram incompatíveis com a relação de gênero. Deve-se levar em consideração que a atuação profissional está ligada diretamente às habilidades individuais das pessoas, e tais habilidades não estão ligadas ao sexo, portanto, cada dia mais, as mulheres creem e confiam em seu sucesso, nas profissões ditas como masculinas (REIS, 2013).

Pedro e Guedes (2010) relatam que o movimento de mulheres contribuiu para as diversas aquisições históricas de direitos às mulheres, como por exemplo, em domínio nacional, o reconhecimento de igualdade entre mulheres e homens, tornando-o formalizado, legal, obrigatório e passível de punição, desde a Constituição de 1988. E ainda mais recentemente a Lei Maria da Penha, (Lei n. 11 340), sancionada em 07 de agosto de 2006 (PEDRO, GUEDES, 2010).

Silva (2012), em sua obra “Enfrentando lutas, superando desafios: ganhos e conquistas das mulheres brasileiras no século XX” enfatiza que, no decorrer do século XX, as lutas e as conquistas das mulheres foram diversas e tais manifestações derivaram em muitos ganhos e realizações na caminhada pela emancipação feminina. Com uma demanda crescente

de tecnologias e avanços, as mulheres se viram levadas a se capacitarem através de sua profissionalização, passando a concorrer com os homens no até então universo masculino do mercado de trabalho. Contudo, reconhece-se que, apesar dos diversos ganhos, a desigualdade de gênero não está extinta totalmente. Há várias vertentes que ainda precisam ser conquistadas e melhoradas.

Apesar de existirem mudanças favoráveis no mercado de trabalho em relação ao universo feminino, muitas desvantagens ainda pesam para que as mulheres continuem enfrentando grandes dificuldades não só para entrarem, mas também para permanecerem em cargos antes dominados pelo universo masculino. Dentre essas desvantagens, encontram-se pressões das organizações contratantes que fazem cobranças para as mulheres não terem filhos ou não se casarem; muitas não oportunizam promoções dentro da empresa pelo mesmo motivo. Ou seja, o que acaba acontecendo em vários casos é uma tentativa de “masculinizar” a mulher que almeja alcançar carreiras que exigem esse modelo de comportamento, não respeitando a sua condição feminina (REIS, 2013, p.3).

Neste contexto, percebe-se que os movimentos feministas que passaram a existir no Brasil, de fato e com mais fervor em busca da redemocratização a partir dos anos 80, fizeram com que esta luta por direitos se tornasse mais clara e efetiva, a partir do princípio da luta por direitos básicos às mulheres.

Com a redemocratização dos anos 80, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas - violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opção sexual¹ (PINTO, 2010, p. 17).

Diante disso, infere-se que as mulheres estão avançando gradativamente na política de igualdade de gêneros, já estando aptas a se desviarem de alguns estigmas grotescos que um dia foram a regra, e hoje surgem como descumprimento de uma lei. Nos últimos anos a mulher não é mais vista apenas como sendo “do lar”, e vários fatores contribuíram para isso, inclusive o Movimento Feminista e as conquistas advindas do mesmo. Tal movimento foi, portanto, impactante para que a mulher fosse inserida no mercado de trabalho e para sua colocação no paradigma e no centro da solução das problemáticas ainda existentes (COSTA, 2010).

¹ O termo orientação sexual é mais apropriado do que opção sexual. É “um equívoco dizer que se trata de uma opção sexual, pois não depende de escolhas conscientes nem pode ser aprendida” (BRASIL, 2011, p.15).

Reis (2013), afirma que nas últimas décadas o movimento feminista produziu um significativo embalo às pesquisas sobre o posicionamento das mulheres no mundo contemporâneo, trazendo um conjunto de questionamentos acerca do seu papel na família, sociedade e mercado de trabalho.

Desta realidade surgiu o interesse no tema proposto nesse trabalho, que parte da premissa que envolve os estereótipos de gêneros, onde a mulher foi e ainda é colocada em uma posição secundária, como ‘segundo sexo’, sobretudo em suas relações profissionais. D’ Amorim (1997) ressalta que a determinação de sobreposição do tipo de gênero acontece historicamente à partir da construção de crenças, sejam individuais ou partilhadas, sobre as características pessoais de cada indivíduo, adequando-as tão somente à homens e mulheres, ou seja, a sociedade impõe papéis acerca das pessoas estipulando afazeres sociais para determinado sexo. Não obstante a individualidade de cada qual, os papéis de gênero são impostos social e culturalmente: “o gênero nada mais é que uma identidade socialmente construída e culturalmente difundida, para definição dos papéis masculinos e femininos” (SOUZA et al., 2012, p. 494).

Neste sentido, questiona-se em que medida, os movimentos feministas que passaram a existir no Brasil, com mais vigor em busca da redemocratização, em meados dos anos 1980, influenciam as mulheres na escolha de carreiras tradicionalmente masculinas em nossa sociedade atual? Acredita-se que ao longo dos anos, os movimentos feministas no Brasil tiveram papel preponderante na sociedade atual, gerando influência na definição da carreira das mulheres, trazendo-lhes empoderamento e desmistificando a ideia de que eficiência profissional se relaciona à questão do gênero.

A curiosidade sobre os resultados da luta do movimento feminista no Brasil, sempre gerou interesse desta pesquisadora, ou seja, tal luta de fato influencia as diversas escolhas que as mulheres fazem ao longo de suas vidas e, especificamente, no âmbito profissional? Neste contexto, a presente pesquisa pretende conhecer as razões que levam as universitárias a se definirem por cursos de graduação, onde existe um público reconhecidamente “masculino”. Numa sociedade reconhecidamente machista, e com conceitos estereotipados, ressalte-se que o número de mulheres em cursos ditos masculinos, parece permanecer de fato deficitário.

Saavedra et al. (2010), enfatiza que, embora haja avanços no que diz respeito a igualdade da participação de homens e mulheres na educação e no trabalho, alguns campos do ensino e do mercado de trabalho ainda se apresentam com número reduzido de perfil feminino em seus quadros. Portanto, embora se reconheça avanços importantes detectados no que diz respeito a ocupação de mulheres em profissões cujo universo é masculino, pretende-se

pesquisar o quanto este número é realmente representativo, e o quão significativo foi a luta feminista para as escolhas destas universitárias nestes mesmos cursos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Contextualização histórica do papel social da mulher no Brasil

“A mulher, na história do Brasil, tem permanecido numa situação recorrente, sob a luz de estereótipos, dando-nos a enfadada ilusão de imobilidade: “auto- sacrificada, submissa sexual e materialmente reclusa com rigor” (PRIORE, 1994, p.11). Enfatiza-se o papel cidadão explicitamente reduzido da mulher e o quão restrito eram seus afazeres, que comumente permaneciam em casa se dedicando à educação dos filhos, encarregadas de afazeres domésticos não perigosos, a organização do lar e a manutenção do relacionamento conjugal e familiar (SOUZA et al., 2012).

Não é necessário ir muito além para perceber a submissão da mulher na história. Biasoli (2000), se refere que no final do século XIX e início do XX as mulheres eram primeiramente submissas a seus pais e irmãos, que determinavam a direção que deveriam seguir em suas vidas. Com relação ao casamento, elas eram escolhidas pelos pretendentes, e seus tutores definiam e ordenavam que o casamento fosse realizado. Reitera-se o fato de que as moças deveriam ter características que as tornassem mais “desejáveis” como esposas. Criava-se assim um círculo complexo, e esta prática era comum nas mais diversas famílias que possuíam filhas mulheres. Contudo, não era necessário somente os olhares dos pretendentes, nem os atrativos que tornassem as mulheres “desejáveis”, pois, a palavra definitiva e o poder de escolha era da família que “arranjava” o casamento, que se reunia e decidia o que era considerado melhor para a mulher, e principalmente se aquele arranjo matrimonial cumpria as necessidades das famílias. As decisões vindas de terceiros na vida dessas mulheres não se restringiam somente à afetividade, mas a todos os aspectos da vida; cite-se o direito à educação, que era totalmente descartado na vida das mesmas.

Em “A vida da mulher no século XX”, Biasoli (2000), se refere a pessoas que vivenciaram esta realidade, mostrando justificativas que homens e mulheres traziam quando o assunto se dirigia para a possibilidade de estudar:

O estudo muda a cabeça e faz a moça ficar sonhando bobagens. (Mulher, 80 anos). Mulher aprende a ler e escrever só pra ficar lendo romances e escrevendo bilhetes para o namorado. (Homem, 78 anos). Moça direita não perde tempo com essas besteiras de ficar lendo romances, porque isto é ocasião de perdição. (Mulher, 75 anos) (BIASOLI, 2000, p. 235).

Biasoli (2000), ainda destaca que uma mudança neste status quo não era viável, pois o estudo tornaria mais trabalhoso o convencimento da filha do era o melhor para ela, além de possibilitar atitude de desobediência perante o desejo dos pais, que a criavam com tanto apreço.

A mesma autora demonstra que nas primeiras décadas do século XX era escasso o número de faculdades no país, e apenas nos grandes centros, sobretudo eixo Rio-São Paulo. Já os colégios existiam em quantidade bem mais relevante, eram de caráter religioso, como uma herança dos jesuítas, e de outras congregações que trouxeram pra cá seus padres e freiras. Assim os colégios para meninos e meninas de classe alta se multiplicaram, sendo cada vez mais comum que a “moça de família”, depois de aprender em casa suas primeiras letras, fosse encaminhada para tais colégios internos de freiras, para que pudesse ser educada, e de onde só sairia depois de alguns anos, pronta para casar. Portanto, os valores de então se reproduziam tanto nas famílias, como nas escolas, e na sociedade de forma geral, se mostrando uma prática competente, que em consenso, se tornava totalmente eficaz naquela época (BIASOLI 2000).

Biasoli (2000) enfatiza que em meados do século XX, apesar de uma fenda maior na escolarização das mulheres, havia uma discrepância muito acentuada entre as perspectivas das famílias no quesito profissional e escolar e o futuro dos filhos homens e das filhas mulheres.

É usual ainda que, por motivos que hoje se diria serem pequenos, a filha seja retirada da escola e posta em casa “para ajudar”. Também se decide por interromper seus estudos ou trabalho “para que ela se prepare para o casamento”, que pode estar ocorrendo antes dos 18 anos, desde que o noivo tenha condições financeiras favoráveis e a família o veja como “um ótimo partido”. É importante que se acrescente uma outra razão poderosa para isto, a de que a união precoce aliviava os adultos (e mesmo os irmãos menores) da tarefa de “tomar conta” da moça, sobretudo porque ela deveria se manter virgem até o casamento e, para tal, a responsabilidade era de cada um e de todos, deixando perpassar a ideia de que a mulher era vista como frágil, ingênua e passível de ser influenciada (BIASOLI, 2000, p. 236).

A mulher dessa época priorizava muito sua vida doméstica mesmo quando tinha um diploma universitário e um emprego, deixando tudo de lado quando acontecia o casamento, ou chegava os filhos, evidenciando o homem como provedor da família com um papel

principal sobre todas as necessidades materiais. Essa renúncia por parte da mulher se tornou muito valorizada, sendo um dever da mesma se dedicar exclusivamente aos seus (BIASOLI, 2000).

Há referências nesta mesma obra que à partir da metade do século XX, a sociedade aceleradamente se tornou urbana e através disso aconteceram mudanças que por consequência acarretaram alterações nos papéis e atividades femininas. Esta nova realidade mostra a cultura acoplada à economia, ambas se rompendo pouco a pouco, e sendo substituídas por outras formas de relação e, com essas transformações, foi exigido que a mulher passasse a apresentar mais habilidades além daquelas que já “vem de berço” (BIASOLI, 2000).

Contudo, tais modificações não aconteceram pelo fato da mulher ser um sujeito com direitos e ter assegurada a igualdade de gênero, mas sim por que nesta época foi imposto às mulheres novas competências para que elas se tornassem mais eficazes na promoção da educação dos filhos, na própria vida doméstica e, além disso, ser um suporte apropriado para o renome profissional de seu esposo. Da escolarização à profissionalização o caminho foi extenso, e vários fatores foram responsáveis na determinação da alteração da perspectiva relativa ao trabalho da mulher, tais como as pressões econômicas que a modernidade trouxe, os legados que não mais se apoiaram e a crise econômica que culminou com a “quebradeira” que ocorreu em 1929 (BIASOLI, 2000).

Por fim, a mesma autora Biasoli (2000), conclui que foi no final século XX que mudanças foram perceptíveis no que tange a escolarização e profissionalização da mulher, que ocasionaram constância e maior abrangência de um contato social, e conseqüentemente as mudanças se intensificaram e atingiram diversas áreas que permeiam os dias atuais. Neste contexto, embora a mulher passasse a executar atividades fora do lar, ainda era a maior responsável pela boa conduta da casa, dos filhos e do bem estar do marido.

Houveram alterações drásticas com relação aos questionamentos acerca do papel social da mulher, alguns valores sendo negados, e outros assumindo maior relevância, possibilitando a mulher um distanciamento do ideal anterior, principalmente com relação à espaço, trabalho e casamento. Ou seja, no decorrer do processo histórico surgiram transformações expressivas na vida da mulher, e uma ótica mais abrangente começou a prevalecer, reconstruindo a imagem feminina na sociedade. As mulheres passaram a vislumbrar seu real valor, destacando-se em áreas até então consideradas exclusivas do mundo masculino; ou seja, foi necessário que elas fossem se descobrindo ao longo dos séculos (SOUZA et al., 2012).

2.2 Lutas do Movimento Feminista no Brasil

Com relação aos movimentos feministas, faz-se necessário remeter aos seus primórdios, na Inglaterra, onde, ao final do século XIX, surgiu a primeira chamada “onda feminista”, quando mulheres lá se reuniram para lutar pelos seus direitos, sendo o direito ao voto, o primeiro que se alastrou popularmente. Essas mulheres, conhecidas como *sufrajetes*, promoveram grandes manifestações em Londres, sendo presas, fazendo greve de fome, até a conquista do direito ao voto, conquistado em 1918, no Reino Unido (PINTO, 2010).

No Brasil, a primeira onda da luta feminista teve também como objetivo o direito ao voto. Quem liderou as *sufrajetes* brasileiras foi a bióloga e renomada cientista Bertha Lutz, que estudou no exterior retornando ao Brasil em 1910, iniciando a luta pelo voto, devido à importância desta conquista para o movimento feminista. Com outras ativistas, Lutz fundou a “Federação Brasileira pelo Progresso Feminino”, que organizava movimentos públicos pelo direito ao voto, e, em 1927 apresentou ao Senado da República, um abaixo assinado para que fosse aprovado um Projeto de Lei que concedia o direito do voto às mulheres. Tal direito foi concretizado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral Brasileiro (PINTO, 2010).

Costa (2005) cita a criação do “Partido Republicano Feminista”, pela baiana Leonilda Daltr, com o intuito de mobilizar as mulheres na luta pelo sufrágio, e a “Associação Feminista”, de cunho anarquista, que apoiava as greves das operárias que lutavam por melhores condições de trabalho, ambas as entidades que, à partir de 1918, surgem nessa primeira onda das lutas feministas, como organizações que mobilizaram grande número de mulheres.

Interessante observar que tais movimentos foram perdendo força em outros países, na década de 1960; no Brasil, este movimento ressurgiu com certa ênfase em 1960, sobretudo, quando é publicado no Brasil, o livro de Simone Beauvoir “Segundo Sexo”, publicado inicialmente em 1949, uma obra fundamental para o movimento feminista no mundo. Nele, Beauvoir estabelece uma das máximas do feminismo: “não se nasce mulher, se torna mulher” (PINTO 2010).

Pinto (2010) ressalta o golpe militar de 1964, tornando o Brasil uma ditadura militar rigorosa e produzindo grande retrocesso no tocante aos movimentos libertários, a partir punição e repressão. À partir do regime militar as manifestações feministas se tornaram muito limitadas, pois havia grande opressão do Estado, através de torturas, assassinatos,

desaparecimentos. Repressão ainda maior pode ser observada contra qualquer manifestação de feministas, pois o regime autoritário definia estas mulheres como moralmente perigosas, principalmente com relação ao caráter político.

Segundo Pinto (2010), em 1975 aconteceu no México a “I Conferência Internacional da Mulher”, onde a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou os próximos 10 anos como a “Década da Mulher”. No Brasil foi realizada uma semana de debates com o tema: “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, e o lançamento do “Movimento Feminino pela Anistia”, liderado pela advogada e assistente social Terezinha Zerbini. Em 1980, com a redemocratização política, surge a segunda onda feminista, apresentando uma vertente voltada para a política, e outra abrangendo temas como: violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, racismo, opção sexual, dentre outros.

Segundo Pinto (2010), o movimento que ocorreu no Brasil após os anos 80 tinha como focos a profissionalização, as medidas protetivas e maior participação política e social. Reitera-se que uma das questões em destaque foi a luta contra a violência doméstica da qual, historicamente a mulher é vítima. Neste aspecto o movimento teve conquistas importantes, como a criação de Delegacias da Mulher espalhadas pelo país. Outra conquista importante foi a Lei Maria da Penha (Lei n. 11 340, de 07 de agosto de 2006), que instituiu mecanismos de combate e inibição da prática da violência doméstica e familiar (PINTO, 2010).

Para os autores Pitanguy e Barsted (2011), novos avanços produziram-se à partir do ano de 2000, com mulheres assumindo representatividade no poder Legislativo, possibilitando o trabalho das organizações feministas e os movimentos de mulheres. A partir da 1ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, uma série de demandas foram abarcadas e passaram a constar nas agendas e nos planos governamentais. Este processo de “legalização” da representatividade feminina passou a nortear políticas públicas com respeito à transversalidade de gênero, de raça e etnia. Nesta época os programas governamentais de minimização à pobreza tiveram vertentes positivas sobre a vida de uma grande parcela da população feminina. No entanto, ainda assim, inúmeros empecilhos ainda sobressaem, inviabilizando o pleno exercício da cidadania das mulheres brasileiras de fato. Dentre essas dificuldades observa-se: desigualdades de gênero no âmbito de direitos sexuais e reprodutivos; obstáculos à ascensão profissional e aos recursos reprodutivos, persistência da violência de gênero, todas estas questões ainda mais agravadas na dimensão ética e racial.

2.3 Diferenças entre universo profissional masculino e feminino

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD), divulgada em 2013, as mulheres representam 51,48% da população, embora na sociedade exista estatisticamente maior número de sujeitos do sexo feminino, ainda é maior a quantidade de homens em determinadas profissões e funções (BRASIL, 2015).

Apesar de alguns progressos verificados em relação à igualdade de participação de mulheres e homens na educação e no trabalho, determinadas áreas de ensino e do mercado de trabalho continuam a ser altamente deficitárias na representação feminina. É o caso das Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemáticas (SAAVEDRA et al., 2010, p. 49).

Há uma gama de fatores dentro da sociedade que contribuem para isso. Saavedra et al. (2010), ressaltam que o início dos processos da educação e a projeção destes na vida adulta, produzem como referência os interesses vocacionais e as expectativas de auto eficácia, onde observa-se culturalmente construções estereotipadas acerca da feminilidade e da masculinidade, como preponderantes na determinação de certas profissões.

Os cursos de Engenharia são, de forma habitual, ligados como sendo profissões masculinas, enquanto outros, como psicologia enfermagem e pedagogia, são frequentemente ligados como profissões femininas. Levando-se em conta esse pensamento, quando uma pessoa faz determinada escolha profissional que não corresponde a expectativa social, ela sofre algum tipo de discriminação (SOUZA 2015).

Guerra e Bonfim (s/d) postulam que a diferença de sexo no ambiente da formação e o do trabalho agrícola acarretam diferenças, e logo se transformam em discriminações, preconceitos de estereótipos de gênero, que apontam, principalmente, a participação no espaço educacional de formação quanto no espaço de produção agropecuário. Dessa forma “ser homem” e “ser mulher” no mercado do agronegócio faz muita diferença.

Deve-se atentar que a relação de gênero que possibilita a desigualdade entre os sexos é exacerbada por uma cultura sexista; esta realidade é de grande relevância e acaba por influenciar as escolhas profissionais de garotos e garotas. Ou seja, as mulheres que possuem educação de nível superior, estão em maior número nas áreas de ciências humanas, ciências sociais e ciências da saúde; em contrapartida, os homens em sua maioria encontram-se mais presentes nas áreas das ciências exatas, naturais e tecnológicas (PINTO et al., 2014).

Chies (2010) afirma que as profissões masculinas historicamente construídas, são mais valorizadas do que as profissões consideradas femininas. Contudo, quando as mulheres ocupam profissões tidas como masculinas, não somente pelo contexto histórico, mas também pelos fatores ‘caracterizados’ masculinos (força, resistência e liderança), a eficácia dessas mulheres é vista como inferior. Essas divergências atribuídas aos gêneros, em sua grande maioria, propalam um sentido de inferioridade à mulher, ou seja, a discrepância entre homens e mulheres no campo de trabalho pode ser explicada pela edificação de papéis de gênero, que historicamente demarcaram às mulheres a responsabilidade e afazeres domésticos, e aos homens o abastecimento financeiro da família.

Os homens, na grande maioria, ganham um valor mais relevante que as mulheres na mesma profissão. Percebe-se ainda que, no processo de inserção no mercado de trabalho, mulheres, mesmo com currículos melhores, são desclassificadas na disputa com outros homens.

Os homens brasileiros recebem em média um salário 42% superior ao das mulheres brasileiras. Há uma forte segmentação ocupacional no mercado de trabalho, na medida em que os homens concentram-se nos postos de trabalho dos setores melhor remunerados – as ocupações dos setores industriais e produtivos – enquanto as mulheres desempenham as atividades relacionadas aos serviços pessoais e sociais, associadas aos menores salários (PIOVESAN, 2011, p. 77).

Para Chies (2010) as diferenças atuais existentes no mercado de trabalho entre homens e mulheres têm muito a avançar, sendo necessárias modificações importantes que produzam mudanças reais, que até o momento não ocorreram.

2.4 A mulher na vida profissional

O crescimento do número de mulheres na vida profissional nos últimos anos é relevante. Para Araújo (2010), esse crescimento impulsionou a presença das mulheres em cargos de poder de decisão nas organizações, já que, nos dias de hoje, estão em maior número no mercado de trabalho; em média elas trabalham mais horas comparativamente do que há décadas atrás, e são mais escolarizadas do que os homens.

As brasileiras já constituem mais de 43% da População Economicamente Ativa, segundo a PNAD de 2009. Entre 2001 e 2009 a Taxa de Participação

agregada no mercado de trabalho diminuiu em 1,2% para os homens e aumentou 4,1% para as mulheres (ARAÚJO, 2010, p. 98).

Araújo (2010) ressalta que a renda proveniente do trabalho da mulher, difere da renda do homem, permanecendo menor. Ainda assim, a presença feminina aumentou notoriamente no topo das carreiras, especialmente em cargos de poder, e a sindicalização cresceu em categorias antes tidas como masculinas.

Neste aspecto, Borges (2010), afirma que o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho é consequência de diversas conquistas sociais que ocorreram nas últimas décadas, como as facilidades surgidas na vida domiciliar, a partir da possibilidade do homem ser co-responsável dos afazeres domésticos, além da diminuição do índice da natalidade brasileira; razões estas que permitiram ao mercado de trabalho, apresentar maior receptividade às mulheres. Sendo assim, cada vez mais cresce o número de mulheres que desejam trabalhar fora do âmbito familiar/privado, buscando por sua independência financeira.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Analisar se o movimento feminista deflagrado, com nova ênfase em busca da redemocratização, no Brasil, a partir da década de 1980, apresenta alguma influência nas escolhas profissionais de estudantes universitárias na atualidade.

3.2 Objetivos Específicos

- Identificar a percepção das universitárias com relação à escolha profissional e os movimentos feministas existentes;
- Avaliar se as universitárias dos cursos ditos “masculinos” sofrem algum tipo de discriminação nestes cursos, somente por serem mulheres;
- Verificar a expectativa das universitárias com relação ao futuro profissional, considerando o mercado de trabalho neste universo masculino.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo da Pesquisa

“Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2002, p. 17), os instrumentos de pesquisa e suas funções tornam-se de suma importância para o desenvolvimento eficaz de um trabalho. O presente trabalho tem como enfoque uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo com intuito de colher dados condizentes com a percepção das mulheres sobre os movimentos de gênero no Brasil e os avanços na vida profissional feminina.

A pesquisa qualitativa, de acordo com Marconi e Lakatos (2011) consiste em explorar e interpretar as características mais profundas, mostrando a abrangência da conduta humana. Há uma análise mais especificada sobre as averiguações, tradições, tendências de comportamento entre outros. Prodanov e Freitas (2013) ressaltam que a pesquisa qualitativa não demanda o uso de técnicas e estatísticas, o espaço natural é o lugar ideal para a coleta de dados, e o pesquisador é o instrumento fundamental.

A pesquisa descritiva tem como característica quando o pesquisador registra e descreve os eventos que foram observados sem intervir nos fatos, a mesma observa, registra, analisa e ordena os dados tendo em vista a descrição dos atributos de uma estipulada população, tanto como, dos acontecimentos ou estabelecimento de relações entre variáveis (PRODANOV, FREITAS 2013).

Para Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa de campo é utilizada quando se pretende obter dados e conhecimentos em relação a um problema o qual se busca uma resposta, ou ainda diante de uma hipótese para que haja confirmação ou descoberta de novos fatos ou as conexões entre eles. Para Gonsalves (2001) a pesquisa de campo almeja levantar dados de maneira direta com a população pesquisada, exigindo a participação e presença do pesquisador, no levantamento das informações a serem documentadas.

4.2 Cenário da Pesquisa

A presente pesquisa foi realizada no Município de Patrocínio, cidade localizada na região do Alto Paranaíba, no Estado de Minas Gerais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2015), a população contava com 82.471 habitantes no último censo demográfico, no ano de 2010, contudo, estima-se que em 2016 a população seja de aproximadamente 89.333.

Os elementos da pesquisa foram coletados no UNICERP- Centro Universitário do Cerrado - Patrocínio. A escolha se deu pelo motivo desta Instituição contar com número significativo de mulheres matriculadas em cursos que são tradicionalmente considerados próprios do universo masculinos, tais como: agronegócio, agronomia, engenharia civil e cafeicultura, ou seja, um universo apropriado e condizente com os objetivos da pesquisa.

4.3 Participantes da Pesquisa

Os participantes desta pesquisa foram 03 (três) mulheres de cada curso: agronegócio, agronomia, engenharia civil e 02 (duas) do curso de cafeicultura, totalizando 11 (onze) participantes. Gonzáles Rey (2005) postula que o que define os procedimentos de edificação do conhecimento são as exigências da informação referente ao modelo em construção, e não o tamanho do grupo, sendo assim, a amostra da pesquisa sustenta-se no esclarecimento do autor.

Como a pesquisa tem como sujeitos mulheres adultas, foi realizada distinção de sexo e escolaridade, mas sem nenhuma outra distinção de religião, raça, idade, classe social ou qualquer outra característica pessoal. A realização das entrevistas se deu nas dependências do Campus do UNICERP, mediante autorização da Reitoria, em comum acordo entre pesquisadora e participantes, mas em local e horários determinados, considerando e respeitando a rotina acadêmica.

Essas participantes foram identificadas com nomes fictícios: P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10 e P11.

4.4 Técnica de Coleta de Dados

A coleta de dados aconteceu através de uma entrevista semiestruturada, em que a pesquisadora e a orientadora foram responsáveis por sua elaboração e desenvolvimento, a mesma foi aplicada individualmente, (ÂPENDICE A), garantindo bem-estar, tranquilidade e segurança para as participantes, a entrevistadora pediu consentimento às entrevistadas para que houvesse gravação de áudio das entrevistas. A questão do sigilo, quanto das respostas obtidas, dados pessoais e dos áudios, foi comunicado no primeiro contato com as participantes e reforçado pouco antes da entrevista.

Marconi e Lakatos (2011) descrevem que a entrevista semiestruturada traz liberdade para o autor trabalhar cada situação em qualquer direção que seja mais apropriada, fazendo assim explorar intensamente a questão. Quaresma (2005) enfatiza que a entrevista semiestruturada pode ser uma junção de perguntas abertas e fechadas, e o pesquisador tem a possibilidade de dialogar sobre o assunto proposto, ele precisa guiar um conjunto de questões antecipadamente definidas, contudo, o contexto que será retratado assemelha-se com uma conversa informal.

4.5 Procedimentos de Análise de Dados

Os dados da pesquisa foram analisados a partir da análise de conteúdo de Gonçalves (2016), que busca a classificação sistemática e organizada para a categorização de materiais textuais e mensagens, buscando-se conteúdos manifestos por meio de descrição objetiva e qualitativa do conteúdo. Esse é um procedimento que possibilita tornar válidas inferências sobre dados de determinado contexto, buscando, assim, a interpretação “cifrada” do material qualitativo.

Cavalcante et al. (2014), ressalta que a análise do conteúdo se compõe de várias técnicas, contudo, o objetivo é apresentar o material demonstrado no processo de comunicação, seja ele por meio de fala ou textos. A análise de conteúdo possui procedimentos ordenados que remetem ao levantamento de indicadores. Campos (2004) mostra que o campo de partida para a análise de conteúdo como conjunto de técnicas é a comunicação, e tal análise é feita diante da mensagem obtida, objetivando a produção de dados.

A análise de conteúdo é uma análise qualitativa, sendo uma técnica voltada para o

estudo das ideias, mais do que das palavras em si. Inclui técnicas que permitem maior precisão e descrição, podendo ser empregadas nas ciências sociais a fim de obter melhores resultados (MARCONI, LAKATOS, 2008).

Na sequência, as informações encontradas foram analisadas a partir de outros estudos sobre o tema, comparando-se os resultados da presente pesquisa com outros autores e trabalhos a cerca do mesmo tema.

4.6 Aspectos Éticos

A presente de pesquisa foi realizada de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, a qual estabelece as diretrizes para a pesquisa envolvendo seres humanos. O projeto referente a esta pesquisa foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP (COEP/UNICERP) para aprovação.

A coleta de dados junto às participantes somente aconteceu após aprovação do COEP/UNICERP e da assinatura do Termo de Consentimento Livre após Esclarecimento (TCLE).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Coletados os dados, foi realizada a análise das entrevistas, com intuito de determinar se o movimento feminista no Brasil, a partir da década de 80, apresenta alguma influência nas escolhas profissionais de estudantes universitárias.

Os resultados e discussão estão expostos de forma a demonstrar o perfil das participantes e as análises de conteúdo propriamente ditas.

Finalmente, a partir de mensuração analítica da amostra, os resultados serão demonstrados de forma categorizada, através de análise do conteúdo coletado.

Visando garantir a privacidade das participantes, seus nomes foram omitidos e nos resultados e discussão, estão apresentados através de letras e números, escolhidos aleatoriamente pela pesquisadora.

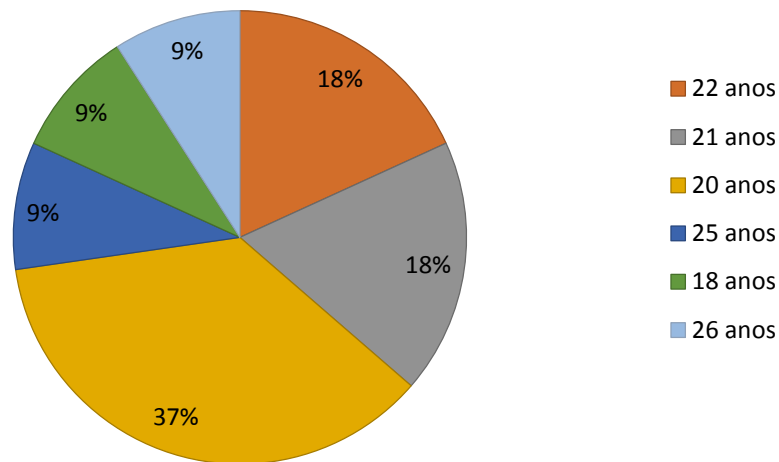
5.1 Perfil Sociodemográfico

Para determinar quem são essas participantes, primeiramente foram levantados dados acerca de sua idade, curso de graduação e período que estão inseridas, conforme tabela e gráficos abaixo:

Tabela1: Idade das participantes e curso de graduação

Participantes	Idade	Curso	Período
P1	22	Engenharia Civil	8º
P2	25	Engenharia Civil	8º
P3	21	Engenharia Civil	6º
P4	18	Agronomia	2º
P5	20	Agronomia	6º
P6	22	Agronomia	10º
P7	20	Agronomia	6º
P8	21	Agronegócio	6º
P9	20	Agronegócio	6º
P10	20	Cafeicultura	4º
P11	26	Cafeicultura	6º

Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 1 - Idade**

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme o GRAF.1 e TAB. 1, as idades das participantes variaram de 18 a 26 anos, com uma predominância de 20 a 22 anos, ou seja, percebe-se pequena oscilação das idades, demonstrando que não há um padrão específico de idades das mulheres, para que haja interesse por cursos superiores e profissionalização.

Segundo Bezerra (2010), a preocupação com educação da mulher vem de um longo processo histórico, porém era focada na educação doméstica, eram ensinadas a costurar, bordar, e até aulas de etiqueta. As mulheres com maior poder aquisitivo aprendiam outras línguas; entretanto havia uma discrepância muito acentuada na educação que era dada aos homens, que desde cedo eram alfabetizados e, diferentemente da mulher, tinham acesso ao ensino superior. No entanto, Barreto (2014), ressalta que no Brasil, atualmente há várias referências que indicam que as mulheres estão em maior quantidade, em várias vertentes educacionais e no ensino superior não é diferente: o número de mulheres matriculadas é maior que o número de homens e vem crescendo expansivamente, como pode ser constatado a seguir no GRAF.2, GRAF. 3 e GRAF. 4.

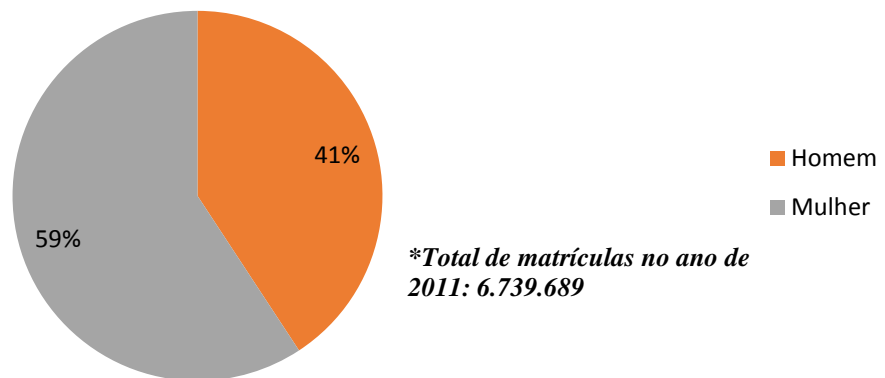


Gráfico 2 - Matrículas no ensino superior no Brasil em 2011

Fonte: INEP-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

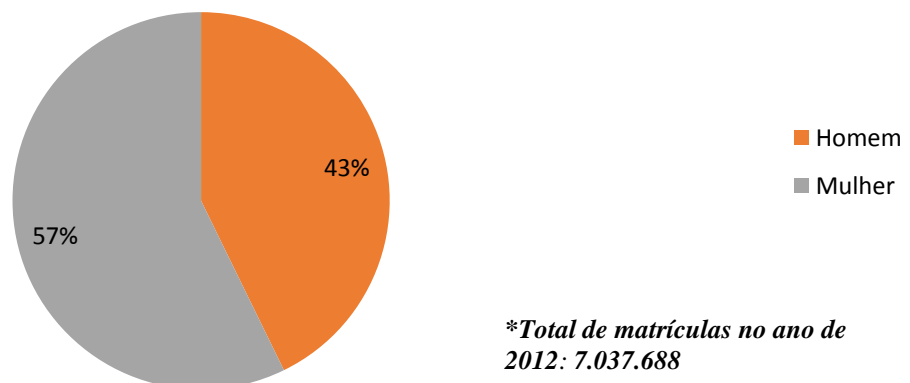


Gráfico 3 - Matrículas no ensino superior no Brasil em 2012

Fonte: INEP-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

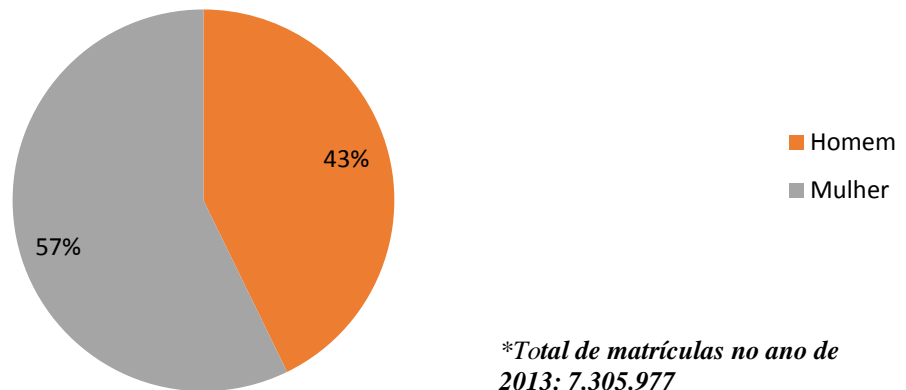


Gráfico 4 - Matrículas no ensino superior no Brasil em 2013

Fonte: INEP-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Pode-se perceber que a força da mulher está presente nas universidades brasileiras. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o número de mulheres que ingressam no ensino superior hoje em dia é superior ao número de homens. Embora, segundo dados do IBGE, em último levantamento demográfico, no Brasil, existe atualmente mais mulheres que homens, o que pode transparecer que o número de mulheres que ingressam no ensino superior é maior devido a esta diferença, Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD), divulgada em 2013, as mulheres representam 51,48% da população (BRASIL, 2015).

O presente estudo teve como amostragem os cursos de agronegócio, agronomia, cafeicultura e engenharia civil tendo-se em vista que nesses cursos considerados “masculinos”, haveriam um número menor de mulheres, conforme pode ser observado abaixo os resultados estão acrescidos das diferenças entre número de homens e mulheres por curso:

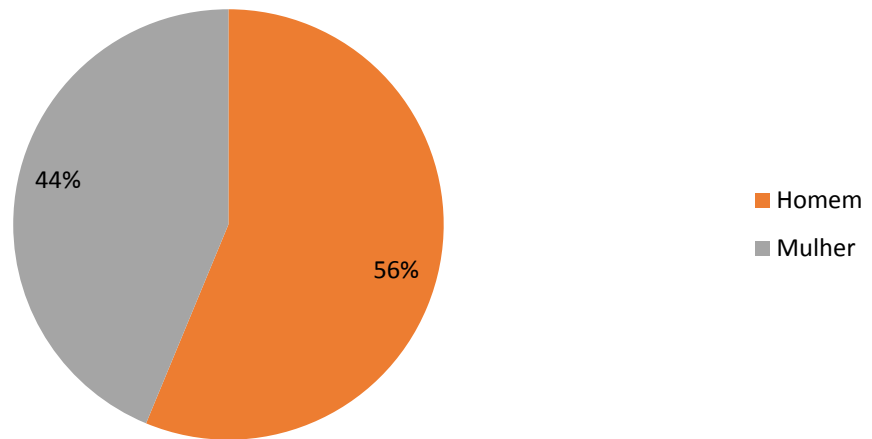


Gráfico 5 - Alunos matriculados no curso de Agronegócio no UNICERP
Fonte: Dados da pesquisa.

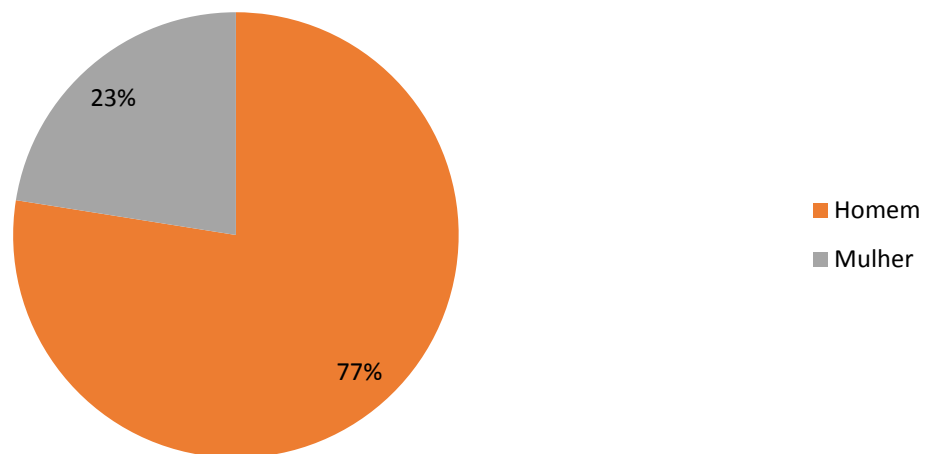


Gráfico 6 - Alunos matriculados no curso de Agronomia no UNICERP
Fonte: Dados da pesquisa.

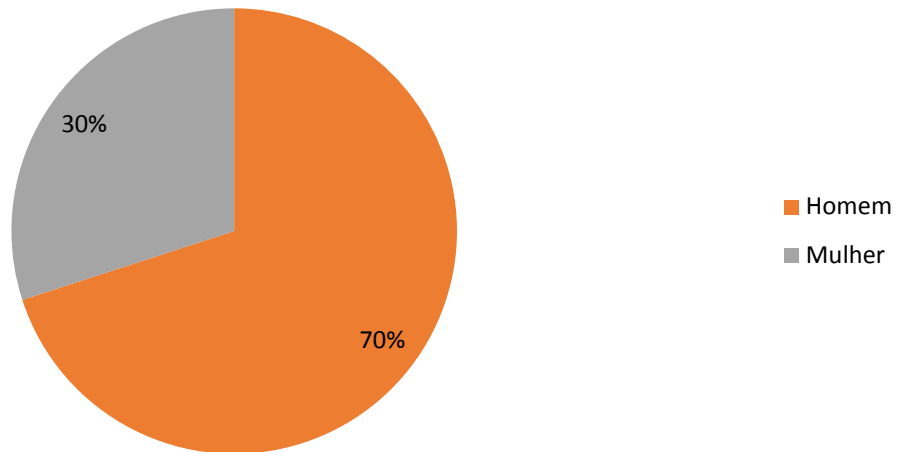


Gráfico 7 - Alunos matriculados no curso de Cafeicultura no UNICERP
Fonte: Dados da pesquisa.

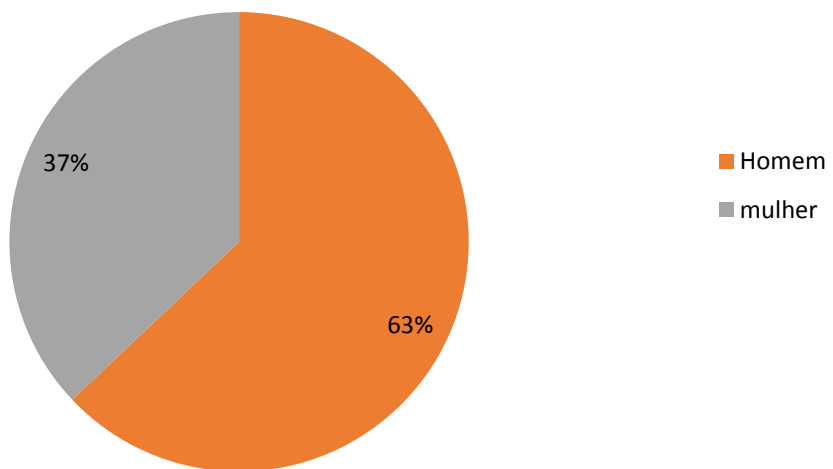


Gráfico 8 - Alunos matriculados no curso de Engenharia Civil no UNICERP
Fonte: Dados da pesquisa.

Os GRAF. 5, GRAF. 6, GRAF. 7 e GRAF. 8 mostram que o número de homens matriculados nos cursos de agronegócio, agronomia, cafeicultura e engenharia civil são mais significativos que o número de mulheres matriculadas.

Pode-se com isso, levantar a questão que esses cursos são de “predominância” masculina, porém a presença feminina não e, de forma alguma, descartada, Araújo (2010)

ênfatiza que a presença feminina aumentou notoriamente no topo das carreiras, especialmente em cargos de poder, e a sindicalização cresceu em categorias antes tidas como masculinas.

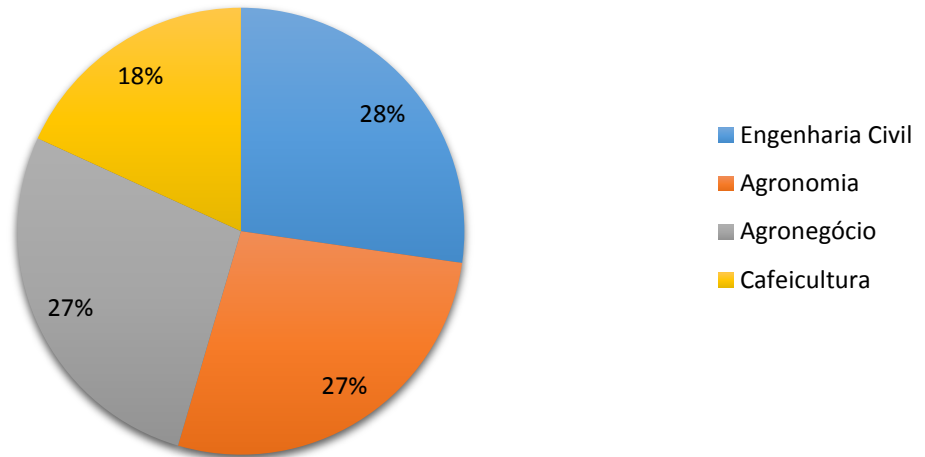


Gráfico 9 - Percentual das participantes da pesquisa em relação ao curso
Fonte: Dados da pesquisa.

O GRAF. 9 demonstra o número de participantes entrevistadas em valores percentuais, pode ser observado que o curso de Cafeicultura é o que possui menos mulheres e o de Engenharia civil o que tem mais mulheres. Tal resultado sugere que as mulheres procuram cursos mais tradicionais quando definem por uma profissão comum ao sexo masculino.

5.2 Análise de conteúdo das entrevistas

A análise de conteúdo das entrevistas realizadas evidenciou categorias e subcategorias de informações, sendo assim delimitadas, que emergiram após análise e transcrições das respostas das participantes, e que vão de encontro aos objetivos da presente pesquisa. A síntese da análise de conteúdo está exposta no QUADRO 01.

Quadro 1: Categorias e subcategorias que emergiram das respostas das entrevistadas**CATEGORIAS e SUBCATEGORIAS**

- Influência de gênero na escolha do curso de graduação
- Escolha do curso
- Reconhecimento dos movimentos de gênero no ambiente acadêmico
- Discriminação no universo acadêmico
- Percepção feminina de discriminação em cursos considerados “masculinos”
- Dificuldades no universo profissional feminino

Fonte: Dados da pesquisa

5.2.1 Influência de gênero na escolha do curso de graduação

Inicialmente, se faz necessário observar o conceito de gênero que o trabalho remete. O termo gênero, por vezes, em algumas literaturas tem conotação de sexo feminino e masculino/macho e fêmea; contudo alguns autores questionam essa visão apenas fisiológica e biológica, e gênero, enquanto conceito das Ciências Sociais se refere à construção social do sexo, e diz respeito às características culturais atribuídas a cada um dos sexos e à expansão biológica dos seres. O termo exprime todo um contexto de relações que inclui sexo, porém ultrapassa a diferença biológica (PEREIRA, 2009). Sendo assim gênero é a forma como as sociedades veem e presumem acerca das pessoas do sexo feminino e masculino, e o sexo torna-se consequências de rótulos em uma organização social, uma criação simbólica e cultural realizada sobre as discrepâncias anátomo-fisiológicas (MELLO, 2010). As expressões “gênero” e “sexo”, embora possam ser entendidas como sinônimos são distintas. A expressão “gênero” faz referência a particularidades atribuídas socialmente às pessoas do sexo masculino e feminino. Em meio às particularidades classificadas femininas, estão o cuidado com os filhos e habilidades para afazeres domésticos, dentre muitas outras. Por outro lado, a expressão “sexo” refere-se ao aspecto biológico, isto é, a separação entre macho e fêmea (RAMOS, 2016).

Enquanto seres sexuados, percebemo-nos e situamo-nos no mundo como mulheres ou como homens. Tal percepção, embora tome como base a anatomia corporal visível, é mais prescritiva do que descritiva, pois o que é captado da corporeidade não é apenas “tenho uma vagina” ou “tenho um pênis”, e sim, “devo ser, sentir e me comportar deste ou daquele modo”. O gênero constitui o modo como nos relacionamos com nós próprios e com o

outro. Assim, incide no processo de produção simbólica, definindo a maneira como cada um percebe o mundo, apreende os códigos de interpretação da cultura e estabelece pautas de interação com o outro, marcando a atuação social de cada indivíduo (VILELLA, ARILHA, 2003, p.115).

Ramos (2016), enfatiza que o conceito de gênero possui uma grande importância dentro do movimento feminista, que procura apontar as desigualdades de gênero inclusas na sociedade e compreender como as noções de gênero influenciam na configuração econômica, social e cultural, tal como buscar as causas da reprodução da dominação masculina.

Carvalho (2012) pontua que assim, o termo gênero, cada vez mais, vem sendo usado para mencionar edificações sociais relacionadas à distinção da hierarquia masculino/feminino, podendo se referir também a construções que separam os corpos em macho fêmea, contudo sobressaindo o raso conceito e indo muito mais além. Na pesquisa, ao serem perguntadas sobre o que as levaram a escolha do curso, 37% (04 participantes) enfatizaram que a escolha do curso teve relação com o pai ou alguma figura masculina da família.

Meu pai é pedreiro e influenciou muito, porque ele sempre me levava para a obra e eu gostava de ver tudo aquilo, admirava (P3).

Eu moro na roça, então cresci no meio e me interessei muito, meu pai está mexendo com essas coisas aí eu me interessei mais ainda. Tive-o como exemplo, não quis ser dona de casa como minha mãe. Não (P5).

Minha família toda já trabalha nessa área, com plantação e com essa parte de agricultura pecuária, eu vou fixar mais na agricultura, então está mais fácil pra viável, até pra cuidar depois. Foi uma questão familiar mesmo, porque meu pai meu tio e meu avô estão dentro da área (P4).

Também optei pelo curso porque meu pai já mexe na área e lá em casa é só mulher, pra tomar conta vai ter que ser uma das filhas então procurei essa área e gostei muito e até penso em me especializar, minha mãe nunca quis aprender nada a respeito disso, só cuida de nós e da casa (P9).

Carvalho (2012), enfatiza que o termo gênero abarca homens, mulheres e símbolos vinculados ao senso comum, à feminilidade e à masculinidades. Esses símbolos, na maioria das vezes, não se relacionam diretamente com corpos assexuados, tampouco com reprodução, como por exemplo: as cores (azul e rosa), espaços sociais (públicos e privados), características humanas (racional ou intuitivo) ou até mesmo ocupações.

Em relação à escolha do curso e a existência de carreiras naturalmente masculinas ou femininas, as participantes, em sua grande maioria, revelaram que não acreditam em tal fator:

Eu acredito que a profissão não é somente masculina e as mulheres dão sim conta do recado. Essa discriminação é uma questão cultural e social (P2).

Não considero o meu curso mais apropriado para homens, mas tem muitas pessoas que acham. É uma questão de esforço e de buscar conhecimento, tanto os homens quanto as mulheres estão aptos para o curso (P5).

Apesar de ser um curso que tem uma abrangência maior do público masculino nada impede que as mulheres façam e gostem da área, não existe isso pra mim... E não há cursos mais apropriados para homens, cada um sabe o que gosta (P8).

Não, não considero. Porque eu tenho o pensamento que qualquer coisa que um homem pode fazer em uma fazenda, dentro da minha área uma mulher também pode, são capacidades humanas (P10).

Portanto, diante do exposto acima, percebe-se consonância com outros autores que referem-se aos papéis sociais impostos pela sociedade que vêm se desmistificando, ou seja, vêm perdendo sua força gradualmente, em função de outras pautas de afinidades e uma nova adaptação de identidade. Sendo que a noção de feminino e masculino são condições historicamente construídas, nota-se que o gênero pode ser construído independente do sexo (GIDDENS, 1996).

5.2.2 Escolha do curso

Reis (2013) ressalta que há uma crescente busca das mulheres por carreiras consideradas tradicionalmente masculinas, mas é evidente que essa busca não é apenas para entrar no mercado de trabalho, existem outros fatores que influenciam essa escolha.

Com relação a escolha do curso, algumas entrevistadas deram ênfase a: gostar da área, ser uma área próxima a seu emprego atual e que já desenvolvem com prazer e eficiência, e também ser um bom campo profissional pra trabalhar. Ferretti ressalta a importância da escolha profissional:

Nenhum estudioso dos recursos humanos desconhece a importância do papel que a escolha vocacional desempenha no processo de composição dos quadros da população economicamente ativa de um país. Se tais escolhas se realizarem sem um mínimo de racionalidade, estimulam a flutuação ocupacional, diminuem a produtividade e dificultam distribuição adequada de recursos humanos (FERRETTI, 1975, p.20).

Nas falas das participantes, nota-se que as mesmas gostam e/ou esperam grande retorno da área que escolheram cursar:

Com 14 anos eu comecei a trabalhar na área de café, então como era um curso mais próximo do café e eu entendia muito sobre esse café a partir dele torrado na prova, eu quis saber todo o processo que estava atrás disso como o processo no campo, o manejo, como era o tratamento, como se livrava de pragas e assim por diante. E pra mim o curso está mais próximo desse conhecimento por que a parte do curso de cafeicultura também me interessaria muito, mas a agronomia me dá um campo de saída, por exemplo, se hoje eu decidir que não quero mais trabalhar com café eu posso trabalhar com lavoura branca, posso trabalhar com soja, posso trabalhar com milho e a agronomia me dá toda essa área para trabalhar, me dá esse campo e eu gosto muito (P6).

Eu já sou formada em contabilidade e fiz pós-graduação em gestão, e como eu trabalho há 08 anos na área de fazenda de café eu resolvi escolher cafeicultura pra ter um acesso melhor na área que estou trabalhando, trabalho em escritório de café e achei viável conhecer mais o produto que eu mexo, gosto de contabilidade e gosto do café (P11).

Escolho esse curso porque aqui na região do cerrado o que mais cresce é o desenvolvimento do café e também o que mais dá dinheiro e considero muito boa essa profissão, não precisarei mudar de cidade e posso me estabilizar aqui e ganhar bem (P10).

Segundo Ferretti (1975), postula que quando há possibilidade de escolha das pessoas por profissionalização e carreira, elas certamente se basearão em algum dado ocupacional e desenvolvem alguma estimativa de suas qualificações para seguir na carreira pretendida, valorizando, de determinada maneira, o que uma ou outra podem oferecer. De acordo com Macedo (2012), os componentes acerca das alternativas profissionais escolhidas pelas mulheres são mensuradas pelas seguintes influências: família, retorno financeiro, relações sociais e interesse pessoal.

5.3 Reconhecimento dos movimentos de gênero no ambiente acadêmico

Ressalte-se que o movimento de luta das mulheres por seus direitos no Brasil, tem grande repercussão no mundo, sendo o mesmo importante referência de temas de interesse das mulheres no plano internacional. É também, dentre outros, um movimento com uma das melhores atuações dentre os movimentos sociais do país (CARNEIRO, 2003).

As entrevistadas reconhecem positivamente tais movimentos e suas consequências diante de suas vidas atuais, como percebe-se a seguir:

O feminismo é lutar pelos direitos iguais e defender nossa classe, fazer coisas que a gente tem vontade sem ter interferência do homem dizendo “não, você não vai fazer”. E essa busca de direitos, essas lutas feministas trouxe muitos benefícios para nós mulheres, se não tivesse acontecido estaríamos na década passada ainda, onde o homem mandava e desmandava e a mulher em casa cuidando unicamente de casa, de filho, fazendo comida e mais nada (P11).

As formas de como as mulheres estão dominando os direitos delas e o trabalho em geral. Antes o que só os homens sabiam e podiam fazer hoje as mulheres também sabem e podem, e algumas fazem até melhor. Não sofremos tanto preconceito como antes, eu acho que o movimento feminista só trouxe melhorias, isso é o feminismo pra mim (P10).

Segundo Silva e Rocha (2008), são várias as mudanças que o feminismo provocou na sociedade; e cada vez mais as mulheres usufruem dessas mudanças. Com elas veio a maior atuação da mulher no mercado de trabalho com ênfase na liderança e com mais respeito, melhores oportunidades, novos espaços na sociedade, liberdade de expressão, direito de ir e de vir, entre inúmeras. Ou seja, cada vez mais as mulheres têm ocupado novos espaços e cargos, as mulheres permanecem buscando melhorias.

Uma marcha e uma organização das mulheres para tentar inserir a mulher onde a sociedade julga ser apenas do homem [...]. O movimento feminista ajudou muito a mulher a entrar em carreiras antes ditas como masculinas... Não vou saber dar um exemplo, mas se não tivesse ninguém martelando não havia acontecido essas mudanças, igual o que a sociedade no geral faz com os governos, ou seja, quando estão insatisfeitos todos pedem as devidas mudanças, por que senão os governantes deixam do jeito que está e se não fosse as mulheres e o movimento feminista estava como antigamente, as lutas tiveram grande influência (P1).

Através dos movimentos feministas avanços diversos foram conquistados, dando ênfase à mulher no mercado de trabalho. Contudo essas metamorfoses sociais abarcaram várias extensões da vida social, o que fez que as mudanças almejadas ocorressem de forma progressiva, uma luta pela liberdade além da igualdade de direitos, e pelo respeito das particularidades (ALVES, ALVES, 2013).

Na presente pesquisa, algumas participantes reconhecem que as mulheres percorreram um grande caminho por seus direitos, mas não têm informações ou conhecimento pelos movimentos feministas, como pode-se perceber abaixo:

Eu não acompanho, não sei bem como é o movimento feminista. Mas sei que isso está mudando as coisas radicalmente. As mulheres estão se sobressaindo e por mais que ainda haja certa desigualdade as mulheres estão se sobressaindo muito bem e esse movimento feminista, eu acho, tem uma grande influência (P2).

Não tenho muito conceito pra isso, não sei bem o que é, acho que a mulher tem que ser o que ela quiser independente de qualquer coisa e o movimento feminista ajuda provavelmente aluda nisso, acho que traz a confiança para a mulher. Se deixarmos sempre que o outro fale o que temos que fazer não seremos ninguém o movimento feminista traz o livre arbítrio pelo que já ouvi falar (P7).

Rodrigues e Sacramento (2016), acerca da invisibilidade das pessoas sobre o movimento de mulheres, ressaltam que a falta de informação sobre os objetivos do feminismo tem sido, desde sempre, um grande ou o maior obstáculo à sua aceitação como modelo social, e só com o tempo, lentamente, que isso mudará e tomará novos rumos.

Importante observar que paradoxalmente aos discursos das mulheres com relação à igualdade, surgiu outro questionamento interessante aos olhos do feminismo, a questão da oportunidade:

Pra mim o movimento feminista não busca somente igualdade entre os gêneros, como a maioria das pessoas falam, nós não buscamos os mesmos direitos dos homens, buscamos ter as mesmas oportunidades que os homens. Sei que o movimento já nos ajudou muito, mas ter as mesmas oportunidades na pratica seria muito viável para as mulheres [...]. Se você (mulher) está em uma rua escura 01:00h da manhã e não tem luz e ouve alguém atrás você reza um milhão de Pai Nosso pra ser ou o capeta ou uma alma penada, mas nunca um homem, porque a mulher ainda se sente ameaçada”, então eu acho que o feminismo é uma cultura que a gente mostra ao homem o quanto nós ainda somos atingidas por eles, então a gente tenta mostrar pra eles que sempre eles precisaram de uma mulher na vida dele, aquela história que a gente quer igualdade que a gente quer só os direitos e os deveres não, aquela história sobre o serviço militar que todo homem fala quando você alega o feminismo e ele joga na sua cara “ ah mais vocês não tem que cumprir o serviço militar”, porém isso já está sendo quebrado há mulheres hoje que já prestam serviço militar e por escolha própria e não por imposição, e outra, não queremos medir esforços com eles, pois é provado cientificamente que fisicamente e biologicamente o homem tem mais estrutura corpórea que a mulher, então até ai temos que pensar, no meu curso eu tenho que pensar “como eu vou competir com um cara que consegue carregar uma saca de adubo de 60kg eu não consigo, mas eu consigo carregar duas de trinta, uma por vez, e eu não vou medir esforços pra carregar duas de trinta, o

feminismo busca o direito dos dois chegarem ao mesmo ponto não importa se meu caminho é maior, mas eu posso chegar lá e hoje a sociedade não deixa (P6).

Para Carneiro (2013), “Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta”.

Percebe-se que as entrevistadas lutam por emancipação dentro de suas realidades e possibilidades, mesmo que indiretamente, transparecendo uma luta permanente em mostrarem suas capacidades e o real valor da mulher na sociedade e nas escolhas de cada qual:

Quis mostrar que eu sou capaz, que se eu gosto dessa área eu vou conseguir. Quis mostrar que estou fazendo essa área, mas não vou ficar só em um lugar fechado classificando o café por exemplo. Eu vou pra campo e eu consigo fazer o serviço de campo. Eu posso interagir com os homens, eu posso chegar e dar uma palestra para vários produtores. Eu sei da minha capacidade e vou mostrar isso (P11).

Eu sei que consigo. Já me criticaram muito, perguntavam o porquê de não ter feito uma área humana e abrir um consultório para mim e ser dona de um estabelecimento somente meu e me criticavam bastante sobre fazer o curso [...], mas eu optei pela área por que tinha certo conhecimento, gosto da área e sei que consigo mesmo muitos não acreditando. Então a vontade de mostrar minha capacidade influenciou bastante. E mostrar que uma mulher pode estar aonde ela quiser (P7).

Eu sabia que ia lidar com maior número de homes, e quando falei pra minha família que eu queria fazer o curso todos falaram: você sabe que é uma carreira com predominância masculina. (Eu respondia) Sim eu sei, mas aceito esse desafio e quero cumprir e ninguém se opôs a isso. Estou cumprindo e vou mostrar que sei fazer tão bem quanto a um homem (P1).

O feminismo em sua totalidade não busca apenas a emancipação, o movimento propaga libertação da mulher. Emancipar é buscar meios de igualdade em direitos, com relação aos homens. Libertar-se é ir além, é enfatizar as condições de diversidade nas relações de gênero, com o propósito de que as mulheres passem a ser notadas com sua devida autonomia, um ser humano capaz e independente (RODRIGUES, COSTA, s/d).

5.4 Discriminação no universo acadêmico

Pinto et al. (2014), postula que os contextos de gênero, que fazem existir de forma “natural” as diferenças entre os sexos, na maioria das vezes, são reproduzidos por uma cultura

sexista que influencia as escolhas e experiências de meninos e meninas. Portanto, há no ensino superior um engendramento onde há maior número de mulheres nas áreas humanas, sociais e saúde; e os homens com uma predominância nas áreas de ciências exatas, naturais e tecnológicas; logo, as mulheres estão em áreas do conhecimento distintas dos homens, não havendo uma proporção igual entres os múltiplos campos.

As mesmas autoras ressaltam que refletir sobre as separações e desigualdades por sexo em relação ao curso superior, demanda uma compreensão sobre o contexto cultural que se está inserido, as influências da socialização na construção de projetos profissionais e a forma como uma determinada sociedade naturaliza as discrepâncias sociais, já que o sexo determina o tratamento de homens e mulheres desde o nascimento (PINTO et al., 2014).

Portanto essa categoria remete-se ao fator de que há mulheres em cursos designados “masculinos” por uma sociedade sexista, mesmo que em menor proporção, e de como essas mesmas são recebidas por também integrantes do curso, podendo ser alunos, professores ou qualquer pessoa dentro do campo de ação.

5.4.1 Percepção feminina de discriminação em cursos considerados “masculinos”.

Pinto et al. (2014) postula que as relações de gênero submergem em vários ambientes dentro de uma cultura estereotipada, dentre eles, o espaço educacional, onde ainda se ligam expectativas diferentes para cada sexo e se reproduzem a discriminação e preconceito. Apesar do espaço educacional ser uma instituição que mira a cidadania, ainda indica, como um espaço de hierarquização a respeito de deveres e direitos de homens e mulheres. Segundo Ferreira (2013) preconceito é o juízo que fazemos previamente, a forma como refletimos frente às situações que não conhecemos de uma maneira verdadeira. Discriminação é o preconceito quando o mesmo é colocado em prática, ou seja, diante de uma situação nova que se tem o julgamento que não é “boa” deferimos o preconceito, contudo, portar-se de forma negativa frente a essa situação é usar da discriminação.

A questão de gênero na sociedade ainda é um tabu em determinadas profissões, explicada por sua construção histórica, que por definir profissões de acordo com os atributos e características de cada gênero, criou uma fragmentação entre os sexos, inseridos na divisão social e técnica do trabalho (COSTA, SANTOS, 2016, p. 2084).

No decorrer das respostas das participantes, nota-se que as mesmas sofrem, ou já sofreram, discriminação e preconceito por haver preferência masculina da sociedade em dada área:

Certa vez eu mandei meu currículo para uma empresa que estava recrutando estagiários, e a empresa não especificou se a vaga era pra homem ou pra mulher, e eu mandei obviamente, e depois de algum tempo eu descobri que todos meus colegas, melhor dizendo todos meus colegas homens, foram chamados para a entrevista e eu não. Aí fiquei me perguntando o porquê disso ter acontecido. Foi quando uma amiga me contou que a pessoa do escritório que estava recrutando falou que estava dando preferência para homem (P1).

Eu acho que ainda tem muita mente pequena, algumas pessoas dão preferência para os homens pela questão de ser homem, e não olham a aptidão do profissional [...], chegando à etapa final estamos tendo uma certa exclusão e uma certa rejeição. Em certas entrevistas de trabalho percebemos que eles deram preferência para os homens do que para as mulheres, acreditam que a mulher não seja apta e que a profissão é mais masculina, mas eu acredito que a profissão não é somente masculina e as mulheres dão sim conta do recado. Essa discriminação é uma questão cultural e social (P2).

Em um antigo emprego um colega homem que era da minha sala, então obviamente ele estava no mesmo período que eu e tinha o mesmo tempo de curso que eu, o que ele falava era muito mais bem visto pela empresa do que o que eu falava. E como meu pai trabalha nessa área de café muitas pessoas falavam que eu entrei nesse curso apenas por pressão psicológica do meu pai e que eu não tinha “algo a mais” isso pra mim foi um preconceito que tive que quebrar todos os dias [...]. Outro exemplo foi quando fui participar do concurso mineiro de café, eu era única mulher do concurso, eles respeitavam a minha opinião e a nota que eu dava, mas o fato de eu ser a única mulher do concurso mostra que a gente não tem respeito na área que a gente trabalha, fui pelo emprego que eu estava e como estudante (P6).

Teixeira e Freitas (2014) pontuam que o número de mulheres presentes no ensino superior é maior que o número de homens, apesar de ser uma conquista, não garante a elas condições mais justas para alcançar o sucesso profissional, tampouco rompe com a segregação sexual por áreas do conhecimento. A discriminação não cessa, ainda que essas mulheres quebrem barreiras, valores sociais e econômicos, entrando em cursos tradicionalmente masculinos.

Pinto et al. (2014) ressalta que em sala de aula ainda existe uma visão estereotipada dos professores sobre vias profissionais e sobre aprendizagem de alunos e alunas e, como consequência passam a estimular cada sexo com posturas dicotômicas.

É perceptível em algumas falas das participantes que o estereotipo de gênero, mesmo nos dias atuais, repercute de forma “normatizada” para alguns profissionais:

Eu não considero meu curso mais apropriado para homens, mas existe uma rixa interna dentro dele, os próprios professores tendem a pender mais para o lado masculino, da pra ver a diferença quanto você tem uma professora mulher no curso de agronomia como foi o caso de uma doutora que chegou agora, que antes não tinha, e quando a maioria dos professores que a gente tinha naquela área eram homens. Quando é um homem dando a matéria parece que eles tentam mostrar o mundo dele é mais fácil pra eles, nos mulheres tentamos ingressar no mundo deles, temos que ser mais dedicadas, nossas notas tem que ser melhores e precisamos ser mais esforçadas ou ate melhores que eles para tentar competir com eles e muitas das vezes ainda não temos merecimento nem reconhecimento. Ainda falta muito da faculdade, e muito da parte acadêmica do Brasil inteiro, essa parte de que homem e mulher podem conviver numa mesma sociedade sem competição (P6).

Até hoje buscamos quebrar barreiras pra mostrar que a mulher é capaz de ir para o campo e capaz de mostrar o que o campo está dizendo, Infelizmente até com o professor já percebi esse tipo de preconceito... De professor chegar à sala e falar assim “eu vou perguntar pra você por que você não sabe”, sem ao menos saber se eu sei ou não, se conheço ou não determinada área, às vezes nasci na fazenda, às vezes meu pai é produtor... Infelizmente têm dentro da faculdade professores assim. E a faculdade deveria mostrar pra eles, através de programas específicos, alguma coisa para administrar e reeducar esse conhecimento, que mulher é igual ao homem é não precisa deles ficarem discriminando não porque a mulher também sabe das coisas (P11).

Conforme os professores fazem suas “análises e interpretações”, e divulgam suas ideias acerca de uma educação engendrada, a formação dos estudantes como sujeitos e como futuros profissionais será flagrantemente prejudicada, e provavelmente os estudantes responderão a tais expectativas. O contexto educacional e o aprendizado promovido pode colaborar para a re(produção) de comportamentos, e os alunos pode tender a se avaliarem como mais capazes de uma atribuição e incapazes de outra (PINTO et al., 2014).

Diante do exposto nota-se a importância de um educador ser imparcial dentro e fora do âmbito educacional, quando se trata de algum estereotipo de gênero, pois eles são vistos como figuras influentes, modelo e respeito perante seus alunos e a sociedade. Para se progredir na equidade de gênero é necessário a compreensão do seu caráter relacional e desagregar-se de estereótipos que estabelecem a homens e mulheres atributos derivados da biologia. O espaço educacional necessita possibilitar espaços para reflexões de questões como esta, para que todos os integrantes do processo educacional possam adotar consciência da dinâmica das relações de gênero na vida social, profissional e acadêmica. Fazer com que os

professores tomem consciência sobre a relevância de desconstruir noções estereotipadas de que homens são capazes de determinada coisa e mulheres de outra e um fator importante para que mais mulheres se interessem por determinadas áreas. Mostrar que as mulheres são tão capazes quanto os homens é um diferencial (PINTO et al., 2017).

5.5 Dificuldades no universo profissional feminino

Atualmente é improvável encontrar cargos de trabalho que não tenham sido invadidos pelas mulheres, pois se mostram criativas, persistentes, delicadas e enfrentam dupla jornada de trabalho com os afazeres domésticos. A porcentagem de mulheres economicamente ativas vem crescendo gradativamente, as mudanças de padrões ocorridas impulsionaram as mulheres a estarem mais presentes na vida acadêmica e no mercado de trabalho de forma mais compacta (PEREIRA, et al., 2005). Entretanto, ainda nota-se uma diferença em postos femininos e masculinos, começando da contratação, como percebe-se abaixo:

Outro fator, hoje a mulher ter 04 meses de licença maternidade e um homem uma semana pode parecer aquele clichê “se vocês querem direitos iguais vamos rever isso”, mas o corpo da mulher é agredido durante a gravidez, claro que é por uma benção, que é um filho que ela está gerando, mas o corpo dela é agredido durante a gravidez o psicológico é agredido durante a gravidez, então não queremos tão somente a igualdade queremos as mesmas oportunidades também, por que quando uma mulher chega pra uma entrevista de emprego e nessa mesma entrevista tem um homem a chance desse homem é de 80% maior do que a da mulher, sabe o por que? Porque na hora contratar a pessoa que está contratando pensa assim, “mas ela não tem filhos e pode engravidar e se ela engravidar é 04 meses de ausência”, ou pode pensar assim “ela tem filhos e se o filho adoecer ela pode atrasar ou ate não vir trabalhar” obviamente a mãe é mais ligada ao filho, temos essa cultura, o pai deixa por conta da mãe na maioria dos casos (P6).

Mourão (2006) enfatiza que ainda é muito frequente o pensamento sobre os altos custos de contratar uma mulher em relação a um homem, devido aos gastos indiretos à maternidade e ao cuidado infantil, embora, via de regra, o salário de uma mulher ser mais baixo, existe uma forte presença no imaginário social e empresarial.

Outro fator que permeia a vida profissional da mulher é a necessidade de confirmar sua capacidade profissional como justificativa para os postos alcançados, por mérito, e não por qualquer outro fator (MOURÃO 2016). Algumas empresas preferem deixar vagas de

trabalhos abertas do que partirem para contratação de mulheres que tem filhos, temendo a possibilidade que ela poderá faltar pra cuidar e atender as necessidades da criança, e esses atos discriminatórios são frequentes (ALICIEWICA et al.,2015).

A mulher tem que ser uma melhor profissional porque se meu currículo for igual de um homem obviamente que ele vai ser o contratado, ainda há muita discriminação, por exemplo, se eu chegar em um produtor no meio rural e falar que certa planta não está fazendo mal nenhum pra cultura dele e que ela pode ficar ali e um agrônomo homem, pode ser menos experiente que eu e não ser formado ainda, falar uma informação diferente para o produtor a informação dele vai ser verdadeira para o produtor e não importa o quanto eu tenha estudado (P11).

Diante da fala de uma participante percebe-se uma visão ambígua dos empregadores com relação às mulheres que vão para o campo para o trabalho, e as mulheres que vão vender produtos nesse mesmo campo:

Acham que a mulher que trabalha com agronomia é um homem, o que eles de chamam “machorra”, que a mulher que trabalha com agronomia tem que só usar botina, cabelo amarrado, camisa gola polo, calça apertada, tem que escutar sertanejo, eu acho isso um grande, a mulher pra entender de campo não precisa só andar de botina ela pode andar de all star pode andar de salto alto, não é por que a mulher entra em uma empresa de salto alto que ela entenda menos do que um homem que anda de botina, mas uma coisa engraçada é que há pouco tempo, e até hoje mesmo, dentro de agronomia os vendedores levam mulheres na fazenda apenas para elas serem o rostinho bonito pra fazer uma “media” para o produtor rural que via aquele rosto bonito da mulher e obviamente comprava mais adubo para impressionar a mulher, fazendo uso da imagem feminina e uso errado, por que se eles tivessem vendendo a imagem de uma agrônoma que sabe o que fala e não apenas um rosto bonito tudo bem vender essa imagem, se levassem uma PHD no assunto, formada no assunto que ela fala, ou tivesse conhecimento, mas não é o caso eles, eles levam uma mulher do rostinho bonito de preferência loira magra e alta o padrão Gisele Bündchen unicamente para o produtor se encantar querendo assim que o produtor compre mais produtos apenas por uma imagem. E hoje quando a agrônoma chega à fazenda até ela provar seu devido conhecimento sobre a área, que vai entre 08 a 10 dez de carreira. Para o produtor ela é só um rostinho bonito que a revenda mandou (P6).

Melo (2003) ressalta que a participação das mulheres num procedimento onde pretende-se a inclusão não modifica as relações sociais existenciais, entre homens e mulheres, se as pessoas não forem capazes de se “desarmarem” de velhas construções de valores que minimizam o feminino, e se as pessoas não tiverem preparadas para as novas edificações que

se ajustarão ao modelo de justiça no que diz respeito a gênero, tampouco adiantará essa inclusão.

Um fator que apareceu com certa frequência nas falas das participantes foi questão que permeia a entrada das mesmas no mercado de trabalho, ou seja, a dificuldade por ser mulher:

Comecei a perceber a dificuldade para entrar no mercado de trabalho partir do 6º período, que é quando começam liberar os estágios, se você vai ser estagiária de alguém e vai ficar um escritório fazendo planilha pode ter certeza que ele vai escolher uma mulher, por que a mulher é mais detalhista e minuciosa, agora se ele precisa de um estagiário que vá pro campo meter a botina na terra e ajudar na plantação, pode ter certeza que vai ser um homem. 80% dos formando vão trabalhar em revendas e não existe campo pra uma mulher vendedora aqui na cidade, posso bater de porta em porta em todas as revendas que tem aqui e perguntar: Quantas mulheres você tem que são revendedoras? A resposta é óbvia... (P6).

Eu pensava que não iria ter dificuldade para entrar no mercado de trabalho, antes de um episódio com um currículo onde eles deram preferência somente para homens, isso foi em uma empresa de recrutamento dos estagiários, mas agora já tenho minhas dúvidas. É uma questão da sociedade mesmo, só por ser mulher. Minha convivência com os pedreiros quando trabalhei em obras percebi que eles nem acham que não sabemos as coisas, mas sim acham que somos frágeis e que não vamos dar conta de coordenar aquele tanto de homem, aí carregamos o estereótipo que mulher não dá conta de tal função por ser frágil, meiguinha e bonitinha pra sempre e na verdade é mais a força intelectual que conta, a força física conta sim para algumas atividades, mas não a engenharia civil, tipo o boxe, mas é uma questão de preparo, se eu for tentar lutar boxe sem preparo não vai dar certo... Mas na minha profissão a força física não tem nada ver (P1).

Há muita discriminação ainda, as pessoas mais velhas acham que a mulher tem que ficar dentro de casa esquentando a barriga na beirada do fogão e do tanque, a sociedade impõe isso, mas com o passar dos anos melhorou bastante, mas ainda existe certa discriminação, então acredito que algumas obras e algumas empresas dão preferência para o homem por causa disso, depois que eu formar eu tenho medo de como o mercado de trabalho vai me receber, porque ainda esse mercado não é tão receptivo com as mulheres são é? (P2).

Teixeira e Gomes (2004) pontuam que para muitos jovens adultos, com o fim do curso universitário há uma promessa de nova fase de vida, e, sobretudo novas perspectivas. Contudo, um dos problemas principais com que os recém-formados se deparam é a dificuldade de ingressar com suas devidas profissões, no mercado de trabalho. As participantes relataram as dificuldades diante da realidade de cada uma delas, e é notório que

essas dificuldades se caracterizam por algum rotulo da mulher no mercado de trabalho e também há o fator de discriminação de gênero, conforme percebido em suas respostas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade entre homens e mulheres é um dos maiores abismos que separam a sociedade contemporânea da igualdade. O estigma do sexo frágil, a desigualdade salarial, o ideal de dona de casa exemplar, confirmam a importância do movimento feminista que permitiu elucidações das diferenças que marcaram a condição de homem e mulher no grupo social; e todos seus estudos e avanços representam até hoje um grande desafio perante a sociedade. Foram grandes as preocupações e o esforço investido em mudanças na educação brasileira, conseqüentemente o aumento das mulheres no mercado de trabalho, em meados dos anos 1980. O foco das mudanças que permearam o processo de redemocratização da sociedade brasileira foi a garantia dos direitos sociais e individuais, especialmente para as mulheres, foi um momento em que além da luta pela redemocratização, o feminismo também aprofundava o debate sobre a igualdade e a discriminação de gênero, portanto objetivou-se compreender, com o tema do presente trabalho, se os movimentos feministas que ocorreram tanta ênfase, e dificuldade devido a um momento ditador, em meados de 1980 teve alguma influência na vida profissional das mulheres.

Durante as entrevistas percebeu-se que, em sua maioria, as entrevistadas tem conhecimento das lutas feministas e de seus benefícios. Pôde-se perceber que elas ligam o fato de estar onde estão, em grau acadêmico e profissional, devido a uma constante busca por melhorias de mulheres, que lutam ou lutaram por igualdade dentro de uma sociedade sexista. Em contrapartida, outras, em minoria, não acompanham e nem sabem do que se tratam as lutas feministas em sua forma teórica, porém sabem que as mulheres percorreram um longo caminho até chegar ao parâmetro atual, além de que o feminismo teve grande contribuição para isso, mas não sabem como desenvolveram tais lutas.

Quando a fala foi direcionada para o curso de graduação das entrevistadas as mesmas disseram que não acreditam que o curso que estão matriculadas seja somente do público masculino apesar da predominância de homens, acreditam que a escolha vocacional é uma questão de aptidão, prazer pela área escolhida e não está ligada ao sexo nem à força física. Mas infelizmente a sociedade ainda prega esse pensamento errôneo e retrógrado. As entrevistadas disseram gostar de maneira grandiosa do curso que estão matriculadas, essas

falas nos remetem que apesar de ser um curso estereotipado como masculino há mulheres que gostam e se sentem bem, portanto a noção de feminino e masculino são condições historicamente construídas, nota-se que o gênero pode ser construído independente do sexo (GIDDENS, 1996).

Optou-se por analisar a condição de gênero no contexto de trabalho. Parte-se da suposição de que o mundo social é definido a partir de princípios e critérios de classificação dos indivíduos no espaço social elaborado por diferentes instituições e agentes especializados.

A partir dessa pesquisa, e de leituras direcionadas, foi possível notar que há mulheres em cursos designados “masculinos” por uma sociedade sexista, mesmo que em menor proporção, e de como essas mesmas são recebidas por também integrantes do curso, podendo ser alunos, professores ou qualquer pessoa dentro do campo de ação. As participantes relataram que já sofreram discriminação de colegas do sexo oposto em sala de aula, como perceberam que alguns professores tratam melhor e priorizam os homens da sala, por achar que as mulheres não entendem e não dominam determinada área. Em relatos, algumas participantes, se remeteram à possibilidade da faculdade trabalhar com os professores medidas de igualdade de sexo para que essa discriminação de gênero não ocorra com tanta frequência.

Observou-se que algumas participantes sentem-se em desvantagem diante seus colegas de sala, pois a sociedade impregnou um poder de “extrema importância” ao profissional do sexo masculino, ressaltam que até uma mulher demonstrar seu conhecimento e ganhar seu devido reconhecimento demanda certo tempo, porque a sociedade ainda tem um pensamento estigmatizado de mulheres em determinadas profissões. Em questão do conhecimento científico as participantes não mostraram-se intimidadas, muito pelo contrário, relataram saber muito do assunto de seus cursos, das matérias, dominar o campo e o estágio; houve quem disse que os homens da sala não sobressaíram como as mulheres em estágios e nem em aulas práticas.

Com a concretização da pesquisa foi notório perceber o pensamento macro das participantes em relação ao futuro profissional. Elas almejam, sonham e querem, de fato, o curso da graduação como profissão e acreditam em uma renda significativa; contudo ficou evidente em suas falas o medo de como o mercado de trabalho vai recebê-las, apenas pelo fato de serem mulheres. Ainda como estudantes, elas já sentem uma discriminação e sabem o porquê dessa atitude das pessoas, sabem que na sociedade há estereótipos de gênero, mas estão dispostas a buscarem por seus objetivos, pois acreditam na igualdade e no poder da mulher acoplado com a força de vontade.

Este estudo contribuiu para a psicologia em vertentes profissionais, e para qualquer leitor em nível de conhecimento, em acréscimos para discussões da problemática, no que se diz respeito à discriminação de gênero, sendo uma realidade tão próxima e tão “naturalizada,” que ainda encontra-se na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALICIEWICA, P.; ANTUNES, P. R.; CHIAPETTI, R. A. Discriminação de gênero no mercado de trabalho. In: Conferência Internacional em Gestão de Negócios, 1, 2015, Cascavel. **Anais...** Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2015.
- ALVES, A. C. F.; ALVES, A. K. S. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. In: Seminário CETROS, 4, 2013, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2013.
- ARAÚJO, C. As mulheres e o poder político – desafios para a democracia nas próximas décadas. In: BARSTED, L. L.; PITANGUY, J (Org.). **O progresso das mulheres no Brasil: 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA, 2011. p. 90-136.
- ARAÚJO, E. P. **As consequências psicológicas da violência contra a mulher**. 2015. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, Patrocínio.
- BARRETO, A. **A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade**. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA, 2014.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. Título do Original: *L'expérience Vécue*.
- BEZERRA, N. Mulher e Universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. In: Conferência Internacional sobre os Sete Saberes para a Educação do Presente, 2010, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2010.
- BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Continuidade e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 233-239, 2000.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- BORGES, N. **A evolução recente da mulher no mercado de trabalho brasileiro: perspectiva social e econômica**. 2009. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação**. Diretoria de Pesquisas - DPE - Coordenação de População e Indicadores Sociais - COPIS. 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para uma educação entre pares: diversidades sexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, v. 8, 2011.

- CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.
- CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Negra Cubana**.
- CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.
- CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 13-18, 2014.
- CARVALHO, M. P. O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 21, n. 46, p. 401-412, 2012.
- CHIES, P. V. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 507-528, 2010.
- COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, Niterói, v. 5, n. 2, p. 1-20, 2005.
- COSTA, I. H. **As transformações do papel da mulher na contemporaneidade**. 2010. 16 f. Monografia (Especialização em Saúde Mental e Intervenção Psicossocial) – Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares.
- COSTA, D. S.; SANTOS, J. M. B. Questões de gênero no curso de serviço social: abordagem quantitativa e historicidade. In: Congresso Nacional de Pesquisa em Ciências sociais aplicadas, 5, 2016, Cascavel. **Anais...** Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2016.
- D'AMORIM, M. A. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 121-134, 1997.
- DEL PRIORE, M. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção Repensando a História).
- FERREIRA, Alfredo Manuel de Azevedo. Discriminação da mulher no mercado de trabalho. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, v. 18, n. 3551, 2013.
- FERRETTI, C. J. A mulher e a escolha vocacional. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, s/v, n. 16, p. 20-40, 1975.
- GIDDENS, A. **Para além da esquerda e da direita**. O futuro da política radical. Traduzido por Alvaro Hattner. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. Título do original: *Beyond Left and Right. The Future of Radical Politics*.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, A. T. P. Análise de conteúdo, análise do discurso e análise de conversação: estudo preliminar sobre diferenças conceituais e teórico-metodológicas. **Administração Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 02, p. 275-300, 2016.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Editora Alínea, 2001.

GONZÁLES REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GUERRA, O. F.; BOMFIM, M. C. A. **O ensino agrícola e a inserção de mulheres e homens no mundo do agronegócio**.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2011-2013**.

MACEDO, C. (jornalista). **Cresce número de mulheres em profissões masculinas**. 2012.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. São Paulo/SP: Atlas, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

MELLO, E. J. Estudos de gênero no âmbito das Ciências Sociais: material de apoio para o professor de Sociologia do Ensino Médio. **USP ensina Sociologia**, São Paulo, s/v, s/n, p. 1-22, 2010.

MELO, L. A. Relações de gênero na agricultura familiar: o caso do PRONAF em afogados da Ingazeira-PE. 2003. 215 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

MOURÃO, T. M. F. **Mulheres no topo de carreira: flexibilidade e persistência**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.

PEDRO, C. B.; GUEDES, O. S. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. In: Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, 1., 2010, Londrina. **Anais...** Universidade Estadual de Londrina, 2010.

PEREIRA, A. K. D. Saúde do homem: até onde a masculinidade interfere. In: Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais, 2, 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2009.

PEREIRA, R. S.; SANTOS, D. A.; BORGES, W. A mulher no mercado de trabalho. In: Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2, 2005, São Luís. **Anais...** São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2005.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

PINTO, E. J. S.; CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. Gênero: um fator condicionalmente nas escolas de curso superiores. In: Redor, 18, 2014, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014, p.233-249.

PINTO, E. J. S.; CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. As relações de gênero nas escolhas de cursos superiores. **Revista Tempos de Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 10, n. 22, p. 47-58, 2017.

PIOVESAN, F. Direitos Humanos, Cíveis e Políticos: a conquista da cidadania feminina. In: BARSTED, L. L.; PITANGUY, J (Org.). **O progresso das mulheres no Brasil: 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA, 2011. p. 58-89.

PITANGUY, J.; BARSTED, L. L. Um instrumento de conhecimento e de atuação política. In: _____ (Org.). **O progresso das mulheres no Brasil: 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA, 2011. p. 15-19.

PORTAL BRASIL. **Mulheres são maioria da população e ocupam mais espaço no mercado de trabalho**. Disponível em: < www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/mulheres-sao-maioria-da-populacao-e-ocupam-mais-espaco-no-mercado-de-trabalho >. Acesso em: 17 jun. 2017.

PORTAL BRASIL. **Mulheres são maioria da população e ocupam mais espaço no mercado de trabalho**. Disponível em: < www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/mulheres-sao-maioria-da-populacao-e-ocupam-mais-espaco-no-mercado-de-trabalho >. Acesso em: 23 dez. 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, J. C. **O gênero dentro da perspectiva feminista e sua relação com o direito**. 2016. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

REIS, A. C. P. R. **A influência do feminismo na escolha das mulheres por carreiras tradicionalmente masculinas**. In: Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 10. Resende. 2013

RODRIGUES, R. F.; SACRAMENTO, V. Capazes Associação Feminista: a luta contra a invisibilidade. Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, Lisboa, s/v, n. 36, p. 117-120, 2016.

RODRIGUES, V. L.; COSTA, F. L. **A importância da mulher**.

SAAVEDRA, L.; TAVEIRA, M. C.; SILVA, A. D. A subrepresentatividade das mulheres em áreas tipicamente masculinas: Fatores explicativos e pistas para a intervenção. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 49-59, 2010.

SILVA, J. E. Enfrentando lutas, superando desafios: ganhos e conquistas das mulheres brasileiras no século XX. **Revista Eletrônica da Univar**, Barra do Garças, n. 7, p. 58-61, 2012.

SILVA, L. S. B.; ROCHA, M. J. P. Influências e mudanças que o feminismo provocou na segunda geração de mulheres. In: Semana de Ciência e Tecnologia da UCG, 2008, Goiânia. **Anais...** Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2008.

SOUZA, A. M.; SILVA, A. S.; SILVA, N. L. Efeitos de tornar-se mulher no Brasil. 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero. In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 2012, Paraíba. **Anais...** Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2012, p. 493-497.

SOUZA, D. A.; KAZMIERCZAK, M.; COUTO, R. Mulher e sociedade: Como podemos compreender as mulheres à luz de seus direitos sociais na contemporaneidade? **Revista Eletrônica Colégio Mãe de Deus**, Porto Alegre, v. 3, p. 1-9, 2012.

SOUZA, M. L. R. S. **Gênero e escolha profissional**. 2015. 32 f. Monografia (Especialização em Educação) – Universidade de Brasília, 2015.

TEIXEIRA, A. B. M.; FREITAS, M. A. Mulheres na docência do ensino superior em cursos de física. **Ensino em Re-vista**, Uberlândia, v. 21, n. 2, p. 329-340, 2014.

TEXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Estou me formando... e agora? Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 47-62, 2004.

VILLELA, W. V.; ARILHA, M. Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. In: BERQUÓ, E. (org.). **Sexo & vida**: panorama da saúde reprodutiva no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

Perfil sociodemográfico das alunas

Idade:

Curso:

Período:

1. O que fez você escolher seu curso de graduação?
2. Você acha que existem carreiras específicas para homens e mulheres?
3. Você considera seu curso mais apropriado para homens?
4. Você já sentiu algum tipo de discriminação por estar em um curso reconhecidamente mais adequado ao público masculino?
5. Para você, o que é movimento feminista?
6. Você considera que o desejo de demonstrar sua capacidade enquanto mulher pode ter influenciado sua escolha por este curso?
7. Você acredita que a força física é um atributo importante para o bom desempenho nesta atividade profissional?
8. Para você em quais habilidades os homens se destacam com relação às mulheres?
9. Para você em quais habilidades as mulheres se destacam com relação aos homens?
10. Após formada, você acredita que poderá ter maior dificuldade para entrar no mercado de trabalho, que seus colegas homens?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNICERP – CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO - PATROCÍNIO COEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO UNICERP

Movimentos de Gênero no Brasil e sua relação com avanços no universo profissional feminino

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidada a participar do estudo “**Movimentos de Gênero no Brasil e sua Relação com Avanços no Universo Profissional Feminino**”. Com isso você poderá contribuir com os avanços na área social, já que tais avanços só podem dar-se por meio de estudos como este, por isso a sua participação é importante. Esta pesquisa tem como propósito realizar um estudo voltado para o movimento de gênero e avanços profissionais femininos, e caso você participe, será necessário participar de uma entrevista. Não será feito nenhum procedimento que lhe traga qualquer desconforto ou risco à sua vida, mas poderá ocorrer algum constrangimento na aplicação da entrevista, por parte do participante, o qual poderá desistir de sua participação na pesquisa em qualquer momento.

Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você será identificado com as iniciais do seu nome.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi o propósito e a relevância deste estudo e o(s) procedimento(s) a(os) que(ais) serei submetido. As explicações que recebi esclarecem os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que tenho liberdade para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não me trará nenhum prejuízo. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo.

Patrocínio,.....//.....

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

Documento de identidade

Tereza Helena Cardoso

Monia Kelly Ribeiro Moura

Telefone de contato dos pesquisadores:
Tereza Helena Cardoso: (34) 98848-1952
Monia Kelly Ribeiro Moura: (34) 99240-7509

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você poderá entrar em contato com o Comitê Ética em Pesquisa do UNICERP, pelo telefone 3831-3721 ou pelo e-mail: pesquisa@unicerp.edu.br

ANEXOS

ANEXO A – Aprovação da Instituição



DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que a pesquisadora Monia Kelly Ribeiro Moura, portadora do RG nº MG- 16.571.500, CPF 095.604.996-61, juntamente com a Professora Esp. Tereza Helena Cardoso, portadora do RG nº M- 2252531 CPF 431.220.006-87, estão autorizadas a realizar levantamento de dados na Instituição UNICERP, com a finalidade de realizar seu trabalho de conclusão do curso de Psicologia, do UNICERP – Centro Universitário do Cerrado - Patrocínio.

Declaro ainda ter conhecimento da pesquisa a ser realizada e de ter sido previamente informada de como serão utilizados os dados colhidos nesta instituição.

Patrocínio (MG), 16 de Agosto de 2017.


Prof. Dr. Wagner Antônio Bernardes
Reitor UNICERP

Wagner Antônio Bernardes
Reitor do UNICERP

ANEXO B – Aprovação do comitê de ética em pesquisa do UNICERP



**COORDENADORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO DO UNICERP
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO COEP/UNICERP
PROTOCOLO DE ENCAMINHAMENTO DE PROJETO DE PARA
APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS**

1. PROJETO DE PESQUISA:

PROTDCOLO 201714SDPS1021

1.1. TÍTULO DO PROJETO:

Movimentos de Gênero no Brasil e sua Relação com Avanços no Universo Profissional Feminino

1.2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome: Tereza Helena Cardoso
Identidade: M- 2252531 CPF: 431.220.006-87
Endereço: Rua Marechal Floriano, 378 – Centro.
Correio eletrônico: terezacardoso@unicerp.edu.br
Telefone: (34) 3831-2513 Fax:

1.3. INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL:

UNICERP - CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO PATROCÍNIO

1.4. PROJETO APROVADO EM

Recebido no COEP/UNICERP em: 26/06/2017 Para o relator em: 28/06/2017

Parecer avaliado em reunião de: 04/09/2017

Aprovado: 04/09/2017

Não aprovado: 29/08/2017

Diligência/pendências: 05/07/2017

Prof.ª Me. Angela M. Drumond Lage
COEP/UNICERP

Diretor(a) da Unidade